Væ Victis começa hoje a publicar colaboração literária de Eurico Gonçalves um nome renomado em valor no panorama contemporâneo das nossas artes plásticas. Com imensa satisfação recebemos os seus textos e se um voto nos é agora permitido formular aqui, limitamo-nos a desejar que Aveiro possa em breve conhecer não apenas o estudioso das artes mas sobretudo o artista que Eurico Gonçalves também é.

Aveiro ★ 25-Julho-1964 ★ Ano X ★ N.º 507

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS • PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS EM «A LUSITÂNIA» RUA DE HOMEM CRISTO, 17-25 — TELEFONE 23886 — AVEIRO

suplemento de letras e artes

direcção de jaime borges e mário da rocha

VAE VICTIS

teatro • cinema • literatura • artes plásticas

ensaio • poesia • crítica • crónicas • entrevistas

O CULTO DO OBJECTO

CAIXOTES OU CAIXAS ONÍRICAS DE ANTÓNIO AREAL

ARTIGO DE EURICO GONÇALVES

«A audácia de Marcel Duchamp significa que o essencial reside na responsabilidade tomada pelo artista ao assinar não importa qual objecto realizado ou não por ele, mas do qual se apropria soberanamente, dando-o a ver como obra capaz de provocar, ao mesmo nível que o quadro dum mestre, a emoção artística». (Roger Caillois).

É evidente que a roda da bicicleta e o secador de garrafas, assinados por Duchamp em 1914, são objectos mais belos que a maior parte das esculturas executadas na mesma data.

Depois de Duchamp, os objectos encontrados (pedras, madeiras, conchas, galhos de árvores, etc.) passaram a ser coleccionados, como elementos de inspiração. Os artistas passaram a apreender o real com uma espécie de furor. O seu amor do real e do presente é tão forte, que eles vão directamente ao mais corrente e ao mais usual, desde os utensílios de uso doméstico aos instrumentos de publicidade. Há, com efeito, um gesto de posse do quotidiano. Estamos em vias de descobrir tanto no Novo-Realismo Europeu como no Novo-Dadaísmo Americano, um novo sentido da natureza, da nossa natureza contemporânea, industrial mecânica, publicitária. O elemento residual ou desperdícios da indústria contemporânea e o objecto em série são arrancados ao nada da contingência ou ao reino da inércia, para o artista os fazer seus, assumindo uma responsabilidade possessiva, que lhes confere plena vocação expressiva e significativa. Vocação significativa, efectivamente, porque redescoberto o objecto e o desperdício, provoca-nos um novo olhar sobre um mundo estranho; e tanto mais estranho quanto mais nele participam elementos usuais da vida quotidiana.

As esculturas de António Areal são obras cheias de imaginação e humor, de expressão sádica, por vezes arrepiante, como em «PRESÉPIO SENTIMENTAL» e em «PROJECTO DE MONUMENTO A ROBESPIERRE». Aliás, os títulos são tão belos como as próprias esculturas, e funcionam à mesma escala psicológica, numa entidade perfeita. Citemos apenas alguns: «PEQUENO MAPA PARA GRANDES VIAGENS», «OBRA QUE PERMITE PASSAR O TEMPO», «MÉTODO DE CRITICAR», «RETRATO MUIMO EMOTIVO», «LAUTREAMONT ZANGADO» e «MONUMENTO QUE FALA». As esculturas de António Areal são caixotes ou caixas oníricas, estranhas construções arquitecturadas a três dimensões, onde se integram elementos do uso quotidiano, os mais dispares (ratoeiras, gaiolas, bolas, berlindes, bonecos de celulóide, traves, arames) e elementos abstractos-geométricos (cubos fendidos e lascados, cor pura e desenho linear). Estes elementos são recolhidos e alterados por um gesto possessivo e obcessivo, cujo espírito fixa e não dorme, antes se mantém vigilante, mesmo num simulacro de neo-barroco, na busca de uma síntese formal, liberta, enfim, de uma saturação de sinais literário-expressivos, sendo tudo muito bem colado, pregado e aparafusado, e o todo revestido de uma sóbria e delicada pintura a três cores-branco, preto e vermelho. Estas construções de madeira pintada, minuciosa e meticulosamente concebidas e executadas por um gesto que é a um tempo largo e conciso, apresentam faces de sólidos geométricos (cubos e paralelipípedos), onde o desenho intervém legível e dinâmico na sua pu-

Continua na página 2

peço a palavra

a face e o arremedo

o LICEU e a ESCOLA

Não nos interessa a notícia em si; importa-nos mais focar os aspectos peculiares que nela podemos ver ou os concludentes esclarecimentos que nela possamos encontrar.

Fala-se, de há muito, numa reforma do Ensino em Portugal. E não seremos nós quem irá desdizer da sua conveniência ou até da sua necessidade. Pois, esquecendo a orientação de programas ou a estrutura de quadros, uma das campanhas mais urgentes a lançar na primeira hora é precisamente a de dignificar o ensino técnico. Não será difícil encontrarmos sintomas duma certa displicência pelo «homo faber». Ainda não sacudimos, ainda não nos libertámos de todo daquela pecha tão obsoleta que nos vem da longínqua mas apesar de tudo luminosa Grécia. *«Quem então, escrevia Plutarco, tendo de escolher, não preferia gozar da contemplação das obras de Fídias, de preferência a ele, mesmo ser Fídias?»* *E Cícero, em «De Officiios», explicava em célebre epifonema: «Todos os artistas se ocupam de desprezáveis profissões, porque a oficina não pode ter nada de nobre».*

Hoje, no mundo da cultura, a realidade é bem outra. *O manifesto futurista, que Marinetti atirou para o ar em 1909, proclamava: «um automóvel rugidor, que parece correr sobre metralha, é mais belo que a Vitória de Samotrácia. Cantaremos as grandes multidões agitadas pelo trabalho, a vibração nocturna dos arsenais...»*

Sem cair nestes exageros, não podemos manter-nos noutro extremo aburguesadamente injusto porque daltónico, estrábico, falso!

Temos, todos pois, que possuirmos aquele senso de, entre um Plutarco ou um Cícero, optarmos pelo senso humano dum

Continua na última página

HELDER BANDARRA

paleta virada

Nem sempre será muito legítimo que seja o autor a falar-nos da sua obra, nem sempre será muito proveitoso ouvirmos o artista dizer-nos o que fez, ou, — mais exactamente! —, dizer-nos o que quis fazer!

O artista pouco vale. A sua obra, quando vàlidamente perfeita, falando por si, fala por si. Uma obra é para quem a vê e a tenta apreciar, um objecto, um valor em si, um Mundo feito, completo, fechado, o que não impede que, como mundo que é, se integre num universo maior.

Postos nesta perspectiva, que caminho nos resta percorrer? Olhar a obra de arte como mundo que é em si, coordená-la no sistema cosmogónico da obra do autor e deixar então que ela, só ela nos diga o que o artista tem a dizer-nos!

«Paleta virada ao avesso» não é entrevista. Nela, não queremos ir do autor à obra, mas sim partir da obra para o autor. Pela obra o artista se mostra, por ela nos fala. A obra é artista que se nos mostra de todo — **ao avesso.**

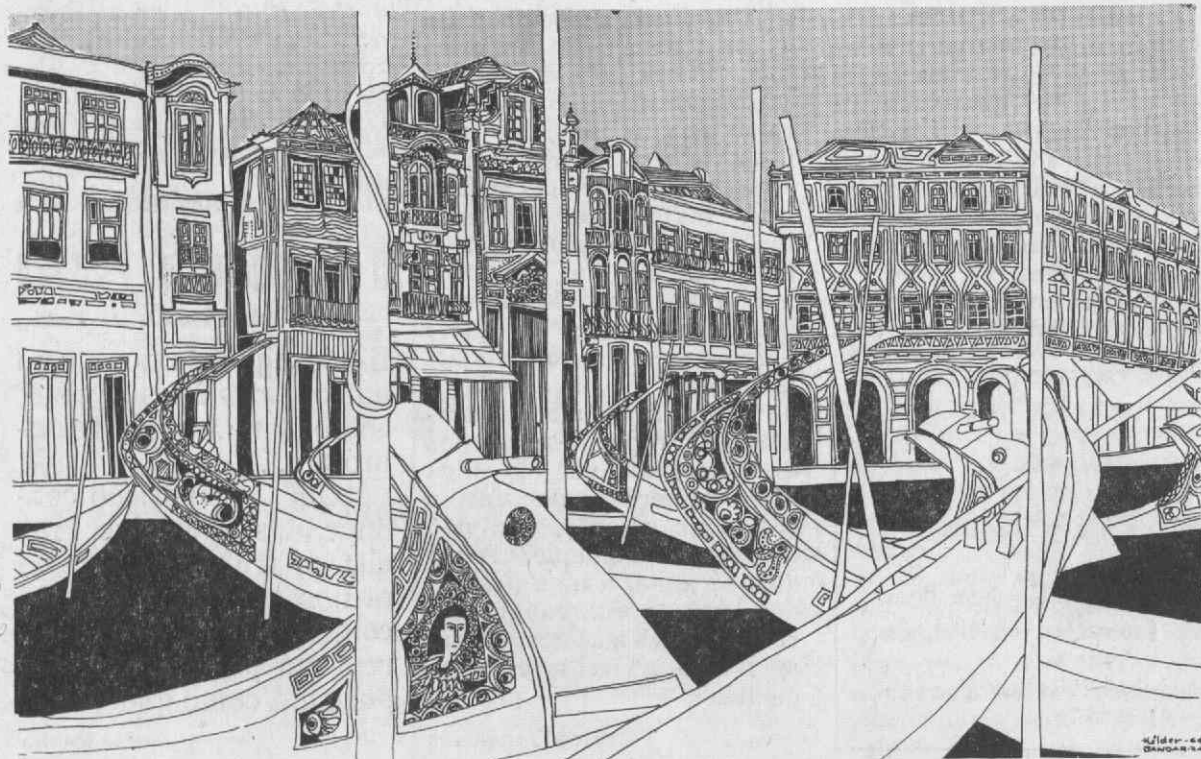
Será «Paleta virada» uma nova secção nossa? E' possivel. O tempo o há-de dizer. Para já, é uma tentativa apenas, já que nada se perde em tentar.

•

Não oferecerá qualquer dificuldade saber o que representa, o que significa, **o que é** este desenho que publicamos ao lado com uma assinatura de Hélder Bandarra. Mas já nos será menos fácil analisá-lo, classificá-lo até. Nós mesmo erraríamos, se não fosse o seu motivo regionalista, tipicamente nosso, e não o tivéssemos encontrado no «atelier» do artista, quando há pouco o visitámos em Lisboa.

A ARTE É BRINCADEIRA!

São estes nossos miúdos contactos que me permitem

Continua na página 7

Capa e contra-capa

Conde Belisário, *de Robert Graves*

Editorial Estúdios Cor

Entre os grandes escritores da Inglaterra de hoje, Robert Graves ocupa um dos mais destacados lugares. Considerado por muitos críticos o maior poeta inglês vivo, é também ensaísta e romancista. Os seus romances históricos são verdadeiros prodígios de reconstituição erudita, de ironia, de penetração psicológica, só possíveis a um grande escritor de sólida e profunda cultura clássica.

Conde Belisário é um dos seus romances mais célebres. Nele conta-nos Robert Graves a vida de Belisário, o general do imperador Justiniano, e de sua mulher Antonina, que, de bailarina pública, atingiu as mais altas esferas da corte de Constantinopla.

Ao apresentar pela primeira vez aos leitores portugueses a obra de Robert Graves, a Editorial Estúdios tem a certeza de prestar um indesmentível serviço, porquanto o desconhecimento, entre nós, do raro talento de Robert Graves roubou ao nossso público o singular deleite de uma obra ímpar e original, que, por meio da reconstituição histórica, toca com mão de irónica e saudável subtileza, todos os grandes problemas do homem.

Apartamento de Raparigas, *de Jacques Robert*

Editorial Estúdios Cor

Para tratar sua mulher, gravemente doente, Tibère vê-se obrigado a dedicar-se ao contrabando de oiro. Para alcançar o seu objectivo, procura cúmplices entre as hospedeiras do ar. Desta maneira travamos conhecimento com essas curiosas raparigas sem lar fixo, sempre entre dois continentes ou entre duas capitais, que mandam fazer os seus vestidos no Cairo, os sapatos em Roma, que compram as suas sedas em Tóquio, e que vivem uma existência agitada, sem amizades sólidas nem horários regulares. Tibère tenta primeiro com Cécilia, depois com Bébé, finalmente com Meredith, a mais bela de todas. Esta última, ao cabo de mil tergiversações e intrigas, aceita a perigosa missão que a envolverá numa aventura em que a sua coragem e a sua astúcia serão submetidas a dura prova.

Jacques Robert coloca o leitor no centro duma singular teia de aranha cujos fios são as grandes linhas internacionais das redes aéreas, ao longo das quais circula um nova raça de aventureiros.

A Família Cherry e a Montanha Balancé, *de Will Scott*

Editorial Estúdios Cor

Desse inimitável escritor de livros infantis que é Will Scott, acaba de sair, em tradução portuguesa, mais uma aventura da engraçada e inventiva Família Cherry. Desta vez os incidentes que sempre surgem quando os Cherry se decidem a ter uma «acontecimento», levam-nos à Montanha Balancé. Aí esperam-nos as peripécias mais divertidas. Os títulos dos capítulos sugerem bem a que ponto a imaginação infantil encontra neste livrinho alimento para a sua fantasia. Ei-los:

«Os jogos que eles inventam», «Homem couraçado», «Aventura na Montanha Balancé», «Truque de prestidigitação», «Black Jack Júnior, pirata», «O mistério da Montanha Balancé», «A casa deserta», «Pista pequena, grande pista» e «A maior de todas as pistas».

Duas Horas Antes na Escuridão, *de Antony Trew*

Editorial Estúdios Cor

O submarino nuclear britânico *Retaliate* realiza um cruzeiro de rotina, em tempo de paz, no Báltico. Está apetrechado com mísseis Polaris, fornecidos pela América, e é a unidade chave de um vasto complexo que faz parte da Dissuasão Ocidental.

Mas o seu comandante, o capitão de corveta Shadde, não está satisfeito com o comportamento dos oficiais e da tripulação. Sente-se preocupado com o relaxamento que se verifica a bordo e também com suspeitas de sabotagem. O capitão Shadde vive dominado por angústias pessoais, por recordações que o atormentam, pela ambição e por graves preconceitos. A' medida que se aproxima o termo do cruzeiro do *Retaliate*, os incidentes multiplicam-se, esgotando ainda mais os nervos do capitão, e fornecendo-lhe razões aparentes para apoiar as suas suspeitas, o que dá lugar ao aparecimento de uma grave crise na limitada área do grande submarino.

Além de prender a atenção do leitor com uma narrativa excitante, este romance expõe — e sugere também as respostas — algumas questões intrigantes e verdadeiramente contemporâneas. Poderá o homem desencadear uma guerra atómica? Como poderá fazê-lo? Quais são as defesas?

Jorge Amado — Documentos

Publicações Europa América

Jorge Amado comemorou em 1961 trinta anos de vida literária. Na realidade, data de 1931 a publicação de *País do Carnaval*, seu primeiro romance, escrito quando o autor de *Os Velhos Marinheiros* tinha apenas 18 anos de idade.

Que tão flagrante caso de precocidade não foi, como tantas vezes acontece, meteórica luz, provam-no, não apenas a continuidade que tão prometedora obra teve em romance notáveis da primeira metade dos anos 30 (Cacau é de 1933 e Jubiabá de 1935) mas ainda o vigor e pujança das suas obras mais recentes, em que avultam criações inesquecíveis, como a da mulata Gabriela «feita de cravo e de canela», ou a desses pícaros de poética transparência que são o «rei das Gafieiras da Baía», «Quincas Berro d'Água», e o Comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso por obra e graça da transposição onírica de seu Aragãozinho.

A estatura excepcional de Jorge Amado como escritor — grande escritor da Língua Portuguesa o poderemos hoje considerar, com aquela relativa segurança que a prespectiva de três décadas de criação romanesca nos permite vislumbrar; a universalidade da sua obra, que, traduzida em trinta línguas, anda espalhada aos quatro ventos do globo — uma universalidade que lhe vem precisamente da vitalização expressiva do que de mais universalmente válido existe na alma do seu povo, a coerência da sua posição de artista militante.

Estes documentos agora publicados que incluem o discurso de Jorge Amado quando da sua entrada para a Academia Brasileira de Letras, associa-se assim ao esforço que vem sendo desenvolvido para valorização de uma obra que honra o nosso idioma e para esclarecimento do leitor de Língua portuguesa sobre uma personalidade que se impõe, além do mais, por uma exemplar fidelidade à sua missão de homem e de artista — melhor dizendo: ao que de humano existe em todo o artista, enquanto artista.

Tempo de Roubar, *de Santos Fernando*

Publicações Europa América

Este livro vem contrariar um velho preconceito segundo o qual o humorismo seria um género menos de literatura. O livro anterior de Santos Fernando «Cotovelos de Venús» revelou-se já particularmente feliz, e não será, porventura, exagero afirmar-se que ele veio de certo modo, contribuir para que se fizesse justiça a um autor em cuja obra, no dizer de um crítico autorizado, «um esforço de adensamento humano e de observação justa se combina expressivamente com a verve fácil e a ligeireza do estilo que são habituais no género?

Tempo de Roubar, o novo livro de Santos Fernando não deixa de confirmar, e mesmo de reforçar, a projecção de um escritor que, no domínio da ficção humorística, tem, para além de outras qualidades, o mérito de procurar sempre, dentro de um espírito de fecunda insatisfação, renovar os seus processos, depurar e enriquecer o seu estilo, imprimir às suas obras um cunho cada vez, mais pessoal.

Dar a sensação de frescura que suscita a leitura desta história em que nos são contadas as aventuras desse quixote da ladroagem que é D. Ramón de Ollinilgo, cujas peripécias o leitor seguirá, não só com interesse, pelo que nelas existe de gracioso humor, mas ainda, e sobretudo, com aquela simpatia que está na base de toda adesão. E' que por toda a obra, prespassa um halo de poesia, insinuam-se uma fantasia subtil e uma ternura caricatural que cativam.

A Rua, *de Manfred Gregor*

Publicações Europa América

Os dois primeiros romances de Manfred Gregor, A Ponte e a Sentença, vieram revelar ao público português um escritor de vigorosa personalidade que ràpidamente atingiu uma vasta projecção internacional, logo confirmada com a transposição para o cinema daquelas suas obras.

Se em ambas são os problemas da juventude que fundamentalmente preocupam o também ainda jóvem autor alemão, neste seu terceiro romance, *A Rua*, de estrutura porventura ainda mais nitidamente cinematográfica, é, de igual modo, um problema do mais vivo interesse que Manfred Gregor equaciona: o da criminalidade juvenil nos nossos dias.

A Ponte colocava-nos perante uma situação que constituía, por si só, um terrível libelo contra o nazismo, chamando a atenção para um passado recente em que crianças de 15 e 16 anos tinham sido inùtilmente sacrificadas por uma causa de cujo significado não podiam ter plena consciência.

Em *A Sentença*, analisava o autor, com intenso dramatismo, um caso de violação dentro do condicionalismo do estado de semiocupação de uma pequena cidade da província no imediato pós-guerra, com suas repercussões e consequências, traçando, simultâneamente, um panorama do eterno conflito entre as gerações.

Na linha dos que o precederam, este novo romance, *A Rua*, dá-nos um quadro tenso e desencantado dos caminhos de certa juventude de hoje, desviada por múltiplas solicitações, entregue a si mesma, desamparada, vítima de ambientes familiares pouco edificantes, aprendendo *na escola da Rua* a fácil lição da delinquência e do crime.

Manfred Gregor mantém-se assim fiel à rota que traçou e *A Rua* é, pois, mais um livro apaixonante de um apaixonado defensor da juventude.

António Maria Lisboa

Continuação da primeira página

near na vala comum. «Mas o Rossio é sempre a despedida da vida».

Francamente, falar de surrealismo num ambiente de capacidade crítica subdesenvolvida e de chuva miudinha, apetece pouco. Como apetece pouco, outrossim, repetir afirmações já muito bem atropeladas pelos profissionais da nossa esperteza literária. O ferro de engomar do talento continua de serviço e quente.

Certíssimo pois, este insignificante significativo acontecimento que sou eu sepultando meia dúzia de palavras num jornal de Tomar, a propósito da ausência de A. M. Lisboa. Mas como comunicar, num local em que debaixo dos leitos do amor estabeleceram quartel-general as ratazanas do medo? Eis a pergunta a que, segundo A. M. Lisboa, cada um deverá dar resposta a seu modo e a seu tempo.

António José Forte

O CULTO DO OBJECTO

Continuação da primeira página

reza linear. E' a integração de elementos e técnicas aparentemente dispares, que me leva a atribuir à escultura de Areal a qualidade de objecto artístico. O artista conjuga aqui, admiràvelmente, a sua experiência de pintor e de desenhador, que em tempos foi surrealista, e que, como se vê, ainda é, agora também de construtor-inventor no insólito, cuja lógica é a do sonho, que assalta diária e intimamente as pessoas na paixão e no jogo. O conjunto da exposição impõe-se como um todo, com uma presença e uma força de espectáculo, que se renova, e a que não é fácil ficar indiferente. Há nele um sentido de provocação e de surpresa, que constitue um novo estímulo para a imaginação, que se quere perpétua e livre, o mais solenemente avessa a hábitos de rotina e a sistemas asfixiantes. Propondo uma ética dinâmica, através de uma grande liberdade de concepção e de criação, que não dispensa o choque, Areal alça-se assim a uma posição de combate na vanguarda, rara entre nós, acertadíssima no tempo, poderosa e impaciente.

Eurico Gonçalves

Prémios Literários

(por votação)

«Introdução à Pintura» (ensaio), de Mário Dionísio
«O Motim» (teatro), de Miguel Franco
«O Hóspede de Job» (romance), de José Cardoso Pires
«O Comboio da Madrugada» (conto ou novela), de António Borga
«A Astronave» (poesia), de Armando Ventura Ferreira

O Liceu e a Escola

Continuação da última página

E nós aguardamos: com outros trabalhos à vista, então sim, acreditaremos!...

Que a exposição continue, pois, a fazer-se. Mas que os trabalhos, eles ao menos, mereçam a devida consideração de não ficarem em público atirados para um canto qualquer...

M. Rocha

Aveiro, 25 de Julho de 1964 ★ Ano X ★ N.º 507

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR— DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

A Conferência de D. Rafael Solano
no «Círculo Eça de Queirós»

Um artigo do DR. QUERUBIM GUIMARÃES

Prometi, em recente artigo aqui publicado e em que dei conta do portuguesismo e aveirismo do nosso distinto conterrâneo Dr. Mário Duarte, Embaixador de Portugal no México, falar da conferência que o escritor mexicano D. Rafael Solano proferiu em Lisboa, no «Círculo Eça de Queirós», onde se apresentou credenciado pelo Dr. Mário Duarte.

Venho agora, no artigo de hoje, dar algumas notas sobre a referida oração — notas tradutoras da respeitosa amizade com que Solano nos trata. D. Rafael Solano vem dedicando a Portugal algumas belas páginas sobre a nossa vida e costumes, a nossa paisagem geofísica e moral, a nossa Literatura, a nossa História, etc.. Trata-se, pois, de um admirador de Portugal em toda a extensão dos seus valores e da sua grandeza através dos séculos.

Em dois artigos publicados no passado mês de Junho em «El Universal», grande diário do México, — um intitulado «Vision de Portugal» e outro sobre «Camões» —, revela-se esse sentimento de carinhosa admiração por Portugal, os nossos homens, as nossas coisas, a nossa vida.

Todo este contacto espiritual com o ilustre publicista mexicano que aqui me traz às colunas do «Litoral», todo este relato informativo a respeito de D. Rafael Solano (para que chamo a atenção dos leitores), o ficamos a dever — os leitores como eu próprio — ao nosso bom amigo e respeitado português de Aveiro que, em todo o seu itinerário de errante representante nosso em terra estranha, nunca deixou abafar no coração o seu lusitanismo vivo e gritante, do qual faz destacar, num impulso irreprimível de aveirense, o seu amor a Aveiro, sua terra natal.

O que disse em Lisboa, no «Círculo Eça de Queirós», ali apresentado pelo Embaixador de Portugal no seu país, D. Rafael Solano? (O ilustre escritor trouxe para a Biblioteca do «Círculo» vários exemplares de uma obra publicada no México em homenagem ao nosso Eça de Queirós).

A conferência, curta mas expressivamente glorificadora da alta figura literária de um dos maiores cultores do Realismo literário, conheço-a também por amabilidade do nosso ilustre conterrâneo através da sua publicação na revista mexicana de cultura «El Nacional» sob o título — «Queiroz y Clarin».

Depois de se referir, elogiosa e agradecidamente, à credencial com que Mário Duarte o distinguiu, a que já nos referimos no nosso último artigo — Rafael Solano começou por invocar um conceito de um filósofo *del continente de donde vengo*, consignado na afirmação «honrar, honra».

Irmanado, com este conceito, diz honrar muitíssimo Portugal a forma com que sabe honrar aos seus grandes heróis do pensamento e das letras, concretizando essa admiração nacional nos monumentos vários em que põe em destaque as suas grandes figuras, na praça pública, como *en su capital bellíssima sorprende gratamente el viajero el ver la forma em que los grandes literatos portugueses son honrados*.

Fala então, a esse propósito, dos monumentos lisboetas; e referindo-se ao de Eça de Queirós, do Largo do Quintela, fala do «Círculo» que evoca o seu nome, afirmando *que es un templo de la religion del arte*.

Ressalta a sua admiração por este culto português pelos seus homens de letras e pensamento em todas estas manifestações de apreço pela cultura nacional, fazendo sobressair o espiritual sobre o material da força.

Mostra-se seguidamente como admirador de Eça — *mi novelista favorito, el autor de «La Ciudad y las Sierras» y de «La Ilustre Casa de Ramirez»*.

A legenda da estátua esculpida por Teixeira Lopes — *«o manto diáfano da fantasia cobrindo a nudez forte da verdade»* — sugere a Rafael Solano considerações sobre as duas fases da sua obra literária: a primeira, escalpelizando, essa nudez da verdade, de um realismo cruel; a segunda, já nimbada da espiritualidade das nossas virtudes tradicionais.

Referindo-se a essa desarmónica atitude literária, mostrou mais acolhedora para a sua formação espiritual a última fase da sua obra literária e escreve, aludindo aos *«munecos»* (os bonecos) do museu do «Círculo» em que se figuram, esculpidas em relevante interpretação, as várias personagens das suas obras, disse, em criteriosa crítica, que *para a história pessoal de Queirós talvez seja mais importante o momento em que restituiu à verdade o «velo» (véu) ténue e fino da fantasia; porém, para a história universal das letras, talvez o outro momento seja mais transcendente*.

Falando da personalidade literária de Eça, em todo e qualquer momento da sua vida de escritor, considera-o como de alto significado no desenvolvimento da Literatura Europeia, como um dos maiores e dos primeiros cultores do Realismo, como reacção contra um Romantismo que se havia tornado já melífluo e deliquescente. Acentua a sua maneira de encarar a obra de Eça quando escreve:

As primeiras das suas grandes novelas, e aos olhos de alguns críticos as maiores — «O Crime do Padre Amaro», «O Primo Basílio» e «Os Maias» — são obras com as quais Eça de Queirós se atreveu a despojar à realidade os espeços véus que lhe serviam de tapume e a mostrou em toda o grandeza da sua desnudez; mais adiante, na sua carreira literária — e nesta o julgamos superior a Flaubert, a Daudet e muito por cima de Zola, teceu um novo véu muito mais fino, delicado, subtil, para retocar aquela desnudez e fazê-la mais formosa. Os dois gestos do grande novelista são igualmente belos e têm ressonância na história da arte, a de descobrir como a de recobrir: com o primeiro, fez avançar um passo às letras; com o outro, retocou e aperfeiçoou a sua própria obra, na qual fez alcançar qualidades que não se descobrem nos outros grandes criadores literários que pertencem à mesma escola.

Longo como vai já este artigo, detenho-me aqui, nesta primeira parte da conferência; a segunda parte na aproximação que Solano faz do novelista espanhol realista Leopoldo Alas — «Clarin» — ficará para depois.

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado	M. CALADO
Domingo	AVENIDA
2.ª feira	SAÚDE
3.ª feira	OUDINOT
4.ª feira	NETO
5.ª feira	MOURA
6.ª feira	CENTRAL

Uma Instituição e um Homem

Um artigo de GIL BRÁS

Um acidente, uma doença inelutável ou a velhice inexorável assaltavam um artífice, impedindo-o de ganhar o pão nosso do cada dia. Se a vítima tinha quem cuidasse dele, afastava-se para longe o espectro da fome. Se não tinha, era a miséria na expressão mais angustiosa. «In illo tempore», já havia as Misericórdias e outras instituições de assistência, mas elas não podiam atender a todos os casos de extrema penúria. Artífices aleijados para sempre, por via de horas aziagas, ou vergados ao peso dos anos, que não poupam ninguém, eram compelidos a estender a mão à caridade pública. Um homem, então, dolorosamente impressionado por tão angustiosos espectáculos, ergueu a sua voz a favor dos trabalhadores das artes e dos ofícios, tão desprotegidos na velhice e na invalidez.

E como as suas palavras não lograssem despertar as consciências e vencer os egoísmos que o circundavam, empreendeu, sòzinho, a concretização do formoso projecto que germinara, um dia, na sua mente.

Chamava-se o homem: Joaquim Possidónio Narciso da Silva. Chama-se a instituição: Albergue dos Inválidos do Trabalho. Quando, em Julho de 1864 — fez agora cem anos — se inaugurou o Albergue, na mesma rua onde ainda funciona e que tem o nome do seu heróico fundador, Possidónio da Silva poude respirar fundamente ao considerar ganha a batalha travada contra a indiferença e incompreensão dos seus contemporâneos. O edifício modesto que marcava a primeira fase da obra traduzia uma grande vitória do tenaz trabalhador, e, por isso, este merece o epíteto de heróico, sem hipérbole.

A maior parte das pessoas, mesmo as que se consideram cultas, terão feito esta pergunta, se um dia passaram pela artéria que ostenta o nome do filantropo: quem era Possidónio da Silva? O sítio é triste, feio e foi, noutros tempos, mal afamado. Ora como os topónimos sofrem um pouco a influência dos ambientes, é natural que ninguém suspeite da verdadeira importância e da projecção que no seu tempo teve o nome de Possidónio da Silva. Foi ele notável arquitecto e arqueólogo, dirigiu a renovação de grandes palácios e edifícios públicos, orientou a construção da primeira sala do Parlamento, em S. Bento, decorou os paços reais, fundou em 1863, com alguns amigos, a Real Associação dos Arquitectos e Arqueólogos Portugueses, estabeleceu nas ruínas do Carmo (escolhidas por ele para sede da Associação e do Museu Arqueológico) um curso de arqueologia sob a sua regência, etc.. Na sua longa e agitada existência de noventa anos (1806-1896) viajou muito, conheceu os principais centros artísticos da Europa, e privou com os grandes mestres da época.

O Albergue que fundou em Lisboa (e para o qual ia pedir esmola, com as filhas, às portas das igrejas) cresceu muito, consolidou-se e foi a semente que veio a frutificar em estabelecimentos semelhantes, por esse país fora.

A CIDADE

Pela Câmara Municipal

Arranjo do Centro da Cidade

Na sessão da Câmara Municipal, do dia 17, o sr. presidente deu conhecimento que já deram entrada nos cofres do Município os primeiros três mil contos, do empréstimo de doze mil contos, concedidos pelo sr. ministro das Obras Públicas, pelo Fundo de Desemprego, para arranjo do centro da cidade. O contrato foi assinado em Lisboa.

Abastecimento de água a Eixo

Por proposta do mesmo presidente, foi deliberado adquirir a António da Cruz Maia Melão, residente no lugar da Quinta do Picado, uma parcela de terreno, onde está implantada a estação de tratamento de água, em Eixo, com a área de 28,08 m², ao preço de 5$00 cada metro quadrado.

Foi ainda deliberado autorizar o sr. presidente a outorgar na escritura em nome do Município.

Fim de semana em Aveiro

A Câmara tomou conhecimento de um ofício da Federação Regional do Norte dos Sindicatos de Caixeiros, a felicitar aquela Câmara por ser a primeira do País a aprovar, para a generalidade do comércio, o regime de «Fim de Semana».

Provimento definitivo

Tendo concluido no passado dia 20, dois anos de serviço como escriturário de 2.ª classe, o funcionário de Secretaria João da Silva Gomes, a Câmara nos termos do § único do art.º 469.º do Código Administrativo, deliberou prover definitivamente aquele funcionário.

Construção de casas para Magistrados

Foi presente o auto de medição n.º 12, da obra em epígrafe, sendo o mesmo aprovado para efeito de pagamento à firma empreiteira, «Construções Brasília, L.da», na importância de 57.147$00.

Abastecimento de A'gua ao Concelho de Aveiro

A Câmara tomou conhecimento de um ofício da Direcção dos Serviços de Salubridade a comunicar que foi aprovado, por despacho do sr. director-geral daqueles Serviços, a minuta do contrato adicional, a celebrar com o sr. engenheiro Frederico Burnay de Mendonça, para a elaboração do projecto da extensão da rede de água aos nucleos rurais deste concelho. A este assunto se refere a deliberação da Câmara de 17 de Fevereiro, último.

Aquisição de bens

Por proposta do sr. presidente, foi deliberado adquirir a D. Eugénia Partinha Rodrigues da Costa Quintela Lucas, residente em Lisboa, um prédio rustico, que se compõe de uma terra lavradia, sita no Monte de Sarrazola, freguesia de Cacia, com a área de 5.604 m² ao preço de 15$00 cada m² o que prefaz a importância de 84.060$00.

Foi ainda autorizado o sr. presidente a outorgar na escritura, em nome do Município. Esta deliberação foi tomada para efeitos imediatos.

Cartaz dos Espectáculos

Teatro Aveirense

Vêr anúncio em separado

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 25 — às 21.30 horas

Um espectacular filme em *Technicolor*, interpretado por George Montgomery, Joan O'Brien, Ziva Rodann e Gilbert Roland — **Samar, a Ilha dos Prisioneiros.** Para maiores de 17 anos.

Domingo, 26 — às 15.30 e às 21.30 horas

Claudia Cardinale e George Chakinis, as duas «estrelas» do ano, num grande êxito de Luigi Comencini — **A Rapariga de Bube.** Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 30 — às 21.30 horas

Reposição de um filme em *Technicolor*, com a mais extraordinária das histórias de amor, vivida por James Mason, Ava Gardner e Mário Cabré — **Pandora.** Para maiores de 17 anos.

Companhia Aveirense de Moagens

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital realizado 3.600 contos

Convocatória

Pela presente convido os Accionistas da «Companhia Aveirense de Moagens» a comparecer à Assembleia Geral Extraordinária a efectuar na Sede da Companhia, no dia 4 de Setembro próximo, pelas 15 horas, com a seguinte Ordem do dia:

1.º — Apreciar e deliberar sôbre uma proposta do Conselho de Administração para **elevação do capital social para seis milhões de escudos mediante incorporação de reservas;**

2.º — Ao abrigo do Art. 34.º dos Estatutos deliberar sôbre modificações ao Pacto Social.

Aveiro, 22 de Julho de 1964.

O Presidente da Assembleia Geral,

José Pereira Tavares

Afundou-se a Traineira «Josefa Vilarinho»

Na madrugada de anteontem, cerca da meia-noite e meia hora, entre a Torreira e o Furadouro e em consequência de nevoeiro intenso, o vapor de carga «San Miguel», da firma *Carregadores Açoreanos*, que seguia de Leixões para Lisboa, abalroou a traineira «Josefa Vilarinho» da praça de Aveiro e pertencente à firma *José Maria Vilarinho, L.da*.

Por ter sido cortada ao meio, a traineira afundou-se ràpidamente, perdendo-se todos os seus apetrechos de pesca e as roupas dos tripulantes. Destes, em número de vinte e oito, apenas um não foi salvo pelas baleeiras do «San Miguel» — que, logo após o trágico embate, acorreram em socorro dos náufragos, posteriormente conduzidos naquele vapor para Leixões.

O pescador que pereceu afogado chamava-se António dos Anjos, era natural de Vila Real, casado e tinha 53 anos de idade. Deixou dois filhos, ambos casados e residentes na Gafanha. Ao que parece, o inditoso pescador sofreu o embate do navio e perdeu-se nas ondas, não tendo sido descoberto o seu corpo.

Miguel Spiguel e Perdigão Queiroga em Aveiro

Estiveram na nossa cidade, a colher elementos para o seu novo filme «Sobre a Terra Sobre o Mar», os conhecidos cineastas Miguel Spiguel e Perdigão Queiroga.

Aqueles técnicos de cinema, acompanhados pelo industrial aveirense sr. Amadeu do Roque, percorreram a Ria, numa lancha do Turismo, tendo filmado especialmente os típicos barcos «moliceiros» e «Salineiros» nas suas específicas fainas.

A T. V. Alemã em Aveiro

Na terça-feira, esteve na nossa região uma equipa de filmagens da T. V. Alemã, que fixou alguns motivos aveirenses para serem exibidos em programas que vão brevemente ser dedicados a Portugal.

Uma conferência do Dr. Moreira Lopes

A convite da Sociedade Portuguesa de Pediatria, e no decurso de um ciclo de sessões científicas que aquele organismo promoveu, o ilustre médico aveirense sr. Dr. Fernando Moreira Lopes proferiu, na Secção Regional da Ordem dos Médicos, uma conferência, em que desenvolveu o tema «Amaurose Bilateral Súbita — Dificuldades Etiológicas», trabalho que foi muito apreciado e aplaudido.

Melhoramentos em Cacia

A Junta de Freguesia de Cacia e a Comissão de Melhoramentos daquela freguesia comunicaram ao sr. Presidente da Câmara que tem à sua disposição cem contos — sua contribuição para diversas obras a realizar naquela localidade, nomeadamente a pavimentação de algumas artérias.

O sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas, agradecendo a prestimosa colaboração daquelas instituições, elogiou a sua iniciativa e prometeu para breve o começo dos diversos trabalhos de beneficiação requeridos por Cacia.

Clube dos Galitos

O Clube dos Galitos transferiu para a sua sede provisória, na Rua de João Mendonça, as suas instalações sociais — até que esteja concluido o seu futuro edifício-sede, cujo projecto deu entrada na Câmara Municipal, para aprovação.

Gota de Leite

Esteve em Aveiro, na semana finda, a sr.ª Dr.ª D. Maria Rosália Heitor Ferreira, digníssima subdelegada do Instituto Maternal, a fim de estudar o funcionamento, em novas bases, da «Gota de Leite», instituição assistencial da nossa terra que conta 33 anos de existência.

E' a segunda vez que aquela ilustre Senhora veio visitar o Dispensário e avistar-se com o sr. Governador Civil, que está interessado no assunto.

Oxalá o estudo feito dê novos possibilidades ao Dispensário Maternal e Infantil (Gota de Leite).

Cine-Teatro Avenida

Como nos anos anteriores, o Cine-Teatro Avenida vai suspender as suas sessões normais de cinema, durante quinze dias, para férias dos seus empregados.

Assim, depois do espectáculo anunciado para a próxima quinta-feira, só voltará haver cinema no «Avenida» no dia 14 de Agosto próximo.

Quem Perdeu?

Relação referida ao periodo de 1 a 15 de Julho dos objectos e valores achados na via pública e entregues na Secretaria do Comando da P. S. P. de Aveiro, onde os mesmos se entregam a quem provar que os mesmos lhe pertencem:

Um estojo com vários artigos escolares e dinheiro; um porta-moedas com dinheiro; uma caixa de papelão com vários artigos de vestuário; um saco de linhagem com arroz; um par de calças; e um metro articulado.

Agradecimento

Carlos da Costa Pereira

A família de Carlos da Costa Pereira, receando que, por falta ou deficiência de endereços, não tenha agradecido a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor e no seu saudoso parente, vem fazê-lo por este meio, a todos testemunhando o seu indelével agradecimento.

Festa de Nossa Senhora do Carmo

Celebra-se hoje a festa de Nossa Senhora do Carmo, realizando-se, na igreja do Carmo, os seguintes actos de culto:

A's 6.30 e 8.30 horas — Missas rezadas.

A's 10 horas — Missa Solene, acompanhada de orquestra.

A's 17 horas — Devoção Eucarística-Mariana, com sermão pelo Rev.º Padre Frei Avelino de Amarante, Missionário Capuchinho. Benção Papal.

A's 8.30 horas — Missa vespertina.

Precedendo a festa, houve uma novena preparatória, de 17 a 25 do corrente — com missas rezadas às 8 e às 9 horas, e novenas solenes às 21.15 horas.

Nos dias 23, 24 e 25, realizou-se ainda um tríduo de prègações, em que falou o Missionário Capuchinho Rev.º Padre Frei Avelino de Amarante.

Curso de Estudos Ultramarinos

Regressaram já de Lisboa, onde frequentaram um Curso de Estudos Ultramarinos e obtiveram elevadas classificações, os alunos do sexto ano do Liceu de Aveiro António Alberto Cabeço Silva, António José Castro Bagão Félix, Carlos José Vieira da Silva, Carlos Manuel Reis Mendonça e Jorge Manuel Pericão Pimentel.

Todos trouxeram as melhores impressões e as mais gratas recordações do Curso.

Obras no Porto de Aveiro

A Junta Autónoma do Porto de Aveiro adjudicou, recentemente, as seguintes empreitadas:

— a João Jacinto Tomé, os trabalhos de instalação eléctrica do porto bacalhoeiro de Aveiro (1.ª fase), pelo valor de 392.500$00 e que poderá ser acrescido de 37.500$00, para atender a imprevistos e a possíveis trabalhos que surjam;

— a Benjamim Jorge dos Santos Moreira, os trabalhos de revestimento betuminoso do arruamento de acesso à zona industrial do porto de Aveiro, pela importância de 145.000$00; e

— à «SOMEC — Sociedade Metropolitana de Construções», a construção de uma ponte-cais no porto bacalhoeiro de Aveiro, pela importância de 1 200 000$00.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 7, com destino à Groenlândia, saiu o navio alemão *Kap Norde*, e entrou, daquela mesma procedência, o navio de igual nacionalidade *Augsburg*.

★ Em 8, entrou a barra, vindo da Corunha, o navio espanhol *Bahia de Algeciras*.

★ Em 9, vindo de Leixões, entrou a barra, a lancha de fiscalização *Corvina*.

★ Em 10, sairam, com destino ao mar e Burela, respectivamente, os navios português *Corvina* e espanhol *Bahia de Algeciras*.

★ Em 11, demandaram a barra, procedentes da Groenlândia, os navios de nacionalidade alemã *Saarbrucken* e *Nordestern*, e saiu, com destino à Groenlândia o navio da mesma nacionalidade *Augsburg*.

★ Em 12, saiu, com destino a Lisboa, o arrastão português *São Gonçalinho*.

★ Em 16, sairam, com destino à Groenlândia e Bremerhaven, respectivamente, os navios alemães *Saarbrucken* e *Nordstern*.

★ Em 17, procedente da Groenlândia, entrou a barra o navio alemão *Minden*. Entrou, igualmente, o atuneiro *Rio Vouga*, procedente dos Açores e saiu, para Setubal, o navio *Ponta de Sagres*.

★ Em 18, saiu, com destino à Groenlândia, o navio alemão *Minden*.

★ Em 19, vindo da Terra Nova, entrou a barra, o arrastão português *António Pascoal*.

★ Em 20, entraram, vindos da Terra Nova, Safi e Westman Island, respectivamente, os navios portugueses *João Ferreira* e *São Silvares* e holandês *Driebergen*.

cartões de visita

FAZEM ANOS

Hoje, 25 — As sr.as D. Rosa Gamelas Cardoso, esposa do sr. Dr. Vitorino Simões Cardoso, e D. Alice de Quadros Figueiredo Simões, esposa do sr. Prof, Abílio dos Santos Costa Simões; e os srs. Jeremias Augusto Duarte, Jaime de Pinho Neto Brandão e Fernando de Almeida Freitas.

Amanhã, 26 — As sr.as D. Delfina Pereira, mãe do sr. Severiano Pereira, e D. Auzinda Freitas Lima, esposa do sr. João da Rosa Lima; os srs. Tenente Gonçalo Maria Pereira, nosso apreciado colaborador, Rui José Branco Pinto, Maximiano da Maia Vinagre, Subtenente da Armada Maurício Andrade Nunes de Oliveira e 2.º Sargento-Enfermeiro Firmino Gonçalves; as meninas Magda Fernandes dos Santos, e Ana Maria da Cruz Santos, filha do sr. Baptista Jesus dos Santos; e o menino Manuel Vítor dos Santos Rigueira, filho do sr. Manuel Fernandes dos Santos Rigueira.

Em 27 — As sr.as D. Maria Felícia de Pinho e Reis, esposa do sr. Amadeu Ala dos Reis, e D. Maria da Liberdade Fino Cruz, esposa do sr. Celso da Cruz Maldonado; o estudante Carlos Gamelas Souto, filho do saudoso Carlos de Matos Souto; e o menino Carlos Alberto, filho do sr. Manuel Martins de Melo.

Em 28 — A menina Graça Maria da Silva Lemos Moreira, filha do sr. Amadeu de Lemos Moreira, ausentes nos Estados Unidos.

Em 29 — Os srs. Dr. Carlos José Tavares Frias de Noronha Lebre e Dario da Silva Ladeira; a menina Maria do Rosário, filha do sr. António Pimentel Monteiro; e os meninos Raul Francisco Antunes da Paula, filho do sr. João Rodrigues Ventura da Paula, e Francisco Manuel Soares Nordeste, filho do sr. Manuel Ricardo da Cruz Nordeste.

Em 30 — Os srs. Dr. Fernando Maia dos Santos Neto, Manuel da Cruz e Sousa e Carlos Alberto do Rego.

Em 31 — A sr.ª prof.ª D. Gizela Machado Soares, ausente no Brasil; e os srs. Tenente-coronel Manuel Augusto de Melo Cabral e Manuel Sardo.

NA REDACÇÃO

Deu-nos o grato prazer da sua visita à nossa Redacção, onde veio apresentar cumprimentos o nosso conterrâneo sr. João de Sousa Marques, que reside no Canadá e se encontra entre nós em gozo de merecidas férias.

DE REGRESSO

Do Funchal, onde exerceram o magistério primário, regressaram a esta cidade, as professoras sr.as D. Maria da Graça Ferreira do Vale, D. Rosa Maria Gonçalves Cerqueira e D. Adelina Amélia Correia.

DESPORTOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

A Festa de Confraternização da A. F. de Aveiro

No prosseguimento de uma louvável tradição, a Associação de Futebol de Aveiro promoveu, no sábado, no Restaurante Galo d'Ouro, o anual jantar de confraternização entre os seus dirigentes e os dirigentes dos diversos clubes seus filiados.

Aquela festiva reunião foi presidida pelo sr. Dr. Armando Rocha, Director Geral dos Desportos, vendo-se ainda, na mesa de honra, as seguintes individualidades: Presidente da Direcção da Federação Portuguesa de Futebol, Justino Pinheiro Machado, e esposa; Presidente do Congresso da mesma Federação, Dr. Paulo Sarmento; Vice-presidente da Direcção da Associação de Futebol de Lisboa, Dr. António Garcia Branco, e esposa; Presidente da Direcção da Associação de Futebol de Aveiro, Dr. Francisco Gomes da Cruz, e esposa; Presidente da Assembleia Geral da Associação de Futebol de Aveiro, Dr. Artur Alves Moreira; e a esposa do sr. Afonso Lacerda, Secretário Permanente da Federação.

Estiveram ainda presentes representantes das associações distritais do Porto, Setúbal, Coimbra e Leiria, os componentes dos corpos gerentes da A. F. de Aveiro, representantes da Imprensa desportiva e local, e muitas senhoras.

Depois de lidos telegramas dos desportistas António de Oliveira Figueiredo, prestigiosa figura da Sanjoanense e do futebol regional aveirense; Silva Santos, Secretário Permanente da A. F. de Lisboa; e Dr. Francisco do Vale Guimarães, ilustre aveirense e Presidente da Direcção do Belenenses — pelo devotado Secretário Permanente da A. F. de Aveiro, sr. José de Oliveira Ferreira — iniciou-se uma série de discursos e procedeu-se à distribuição de prémios e troféus instituidos pela A. F. A. na época de 1963-1964.

Foram distinguidos com taças os vencedores das várias provas regionais — Lusitânia Futebol Clube (I Divisão), o «regressado» Sport Clube de S. João de Ver (II Divisão), Oliveirense (Reservas), Sanjoanense (Juniores), Beira-Mar (Principiantes), Feirense (Torneio de Abertura) e Associação Desportiva Valecambrense (Prova de Encerramento) — e ainda os clubes aveirenses que melhor se comportaram nas provas federativas (de seniores): Beira-Mar (II Divisão) e União de Lamas (III Divisão).

Couberam prémios de correcção desportiva, de grande significado, os seguintes clubes: Ovarense (I Divisão e Reservas), Sanjoanense (Reservas e Juniores), Feirense (Reservas e Principiantes), Lusitânia (Resersas), Sporting de Espinho (Juniores), Recreio de Águeda (Principiantes), Alba (Principiantes), Beira-Mar (Principiantes), Sporting de Bustelo (Principiantes) e Oliveirense (Principiantes).

Na altura dos brindes, e pela ordem a seguir indicada, usaram da palavra os srs.: Dr. Francisco Gomes da Cruz, Presidente da Direcção da A. F. de Aveiro; Eng.º Carlos Rodrigues, representando os clubes aveirenses; Dr. David Cristo, Vice-presidente da Direcção da A. F. de Aveiro; Artur Agostinho, Director do «Record», em nome da Imprensa; Dr. António Garcia Branco, pelas várias associações regionais ali representadas; Justino Pinheiro Machado, pela Federação; e Dr. Armando Rocha, a encerrar a reunião.

Os vários oradores exaltaram o significado da festa, sem paralelo no nosso País; saudaram, de forma especial, o União de Lamas, pela sua vitória no Campeonato Nacional da III Divisão, e o S. João de Ver, que ganhou o Distrital da II Divisão, na época em que voltou às competições futebolísticas; evocaram prestigiosos e saudosos nomes do futebol nacional (Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis, Dr. Tavares da Silva e Dr. José Christo); e abordaram problemas de muito interesse e acuidade para o progresso e prestígio do «desporto-rei», designadamente os casos da situação irregular e anti-regulamentar da Comissão Distrital de Árbitros e do auxílio oficial necessário para se acabarem com os rectângulos de dimensões reduzidas que ainda há no Distrito, já que os clubes, por si, e dadas as suas precárias situações económicas, não podem suportar tais encargos.

Durante a reunião, foram ainda referidas a passagem do 40.º aniversário da A. F. de Aveiro, e as celebrações das «bodas de ouro» do Sporting de Espinho — prestigiosa colectividade carinhosamente saudada no momento em que o seu velho e dedicado dirigente Joaquim Moreira da Costa Júnior recebeu um prémio de correcção desportiva conquistado pelos «tigres» da Costa Verde.

●

Na mesma reunião, e em continuação das homenagens prestadas à Federação Portuguesa de Futebol, pela passagem do seu cinquentenário, a Associação de Futebol de Aveiro ofereceu aos dirigentes federativos uma artística e valiosa peça de faiança regional, executada propositadamente para assinalar as comemorações das «bodas de oiro» da Federação.

Em cima — *O Dr. Armando Rocha, Director Geral dos Desportos, usando da palavra.*

Ao lado — *Artur Agostinho, Director do «Record» e conhecido locutor da Rádio e da T.V., quando falava em representação da Imprensa.*

Maximiano da Maia Vinagre

Completa 50 anos de idade, no próximo dia 26, o sr. Maximiano da Maia Vinagre, distinto técnico de serralharia civil desta cidade.

Jogador de futebol de grande méritos Maximiano proporcionou muitas emotivas e inesquecíveis tardes de glória aos adeptos do Sport Clube Beira-Mar, cuja, cores defendeu com raro brilhantismo, valor e inegável classe.

Os nossos parabéns, muito sinceros, a Maximiano.

I Grande Prémio Internacional da Ria de Aveiro

No Lago do Paraíso, e de acordo com o programa já dado a conhecer nestas colunas, disputa-se — hoje (a partir das 15.30 horas) e amanhã (com início às 16.30 horas) — o I Grande Prémio Internacional da Ria de Aveiro, *competição de motonáutica que promete revestir-se de enorme interesse e entusiasmo.*

O certame é organizado pelo Sporting Clube de Aveiro, contando com o patrocínio da Câmara e da Comissão Municipal de Turismo.

motonáutica

natação

Em organização da Associação de Natação de Aveiro, realizam-se — Hoje e amanhã — os Campeonatos Regionais da presente época, em jornadas que se iniciam pelas 16 horas, na piscina fluvial do Sport Algés e Águeda.

Nas várias provas, encontram-se inscritos nadadores de sete clubes: Académica de Espinho, Algés e Águeda, Beira-Mar, Galitos, Recreio de Águeda, Sporting de Aveiro e Sporting de Espinho.

Campeonatos Regionais

A CIDADE

Pela Câmara Municipal

Arranjo do Centro da Cidade

Na sessão da Câmara Municipal, do dia 17, o sr. presidente deu conhecimento que já deram entrada nos cofres do Município os primeiros três mil contos, do empréstimo de doze mil contos, concedidos pelo sr. ministro das Obras Públicas, pelo Fundo de Desemprego, para arranjo do centro da cidade. O contrato foi assinado em Lisboa.

Abastecimento de água a Eixo

Por proposta do mesmo presidente, foi deliberado adquirir a António da Cruz Maia Melão, residente no lugar da Quinta do Picado, uma parcela de terreno, onde está implantada a estação de tratamento de água, em Eixo, com a área de 28,08 m², ao preço de 5$00 cada metro quadrado.

Foi ainda deliberado autorizar o sr. presidente a outorgar na escritura em nome do Município.

Fim de semana em Aveiro

A Câmara tomou conhecimento de um ofício da Federação Regional do Norte dos Sindicatos de Caixeiros, a felicitar aquela Câmara por ser a primeira do País a aprovar, para a generalidade do comércio, o regime de «Fim de Semana».

Provimento definitivo

Tendo concluido no passado dia 20, dois anos de serviço como escriturário de 2.ª classe, o funcionário de Secretaria João da Silva Gomes, a Câmara nos termos do § único do art.º 469.º do Código Administrativo, deliberou prover definitivamente aquele funcionário.

Construção de casas para Magistrados

Foi presente o auto de medição n.º 12, da obra em epígrafe, sendo o mesmo aprovado para efeito de pagamento à firma empreiteira, «Construções Brasília, L.da», na importância de 57.147$00.

Abastecimento de A'gua ao Concelho de Aveiro

A Câmara tomou conhecimento de um ofício da Direcção dos Serviços de Salubridade a comunicar que foi aprovado, por despacho do sr. director-geral daqueles Serviços, a minuta do contrato adicional, a celebrar com o sr. engenheiro Frederico Burnay de Mendonça, para a elaboração do projecto da extensão da rede de água aos nucleos rurais deste concelho. A este assunto se refere a deliberação da Câmara de 17 de Fevereiro, último.

Aquisição de bens

Por proposta do sr. presidente, foi deliberado adquirir a D. Eugénia Partinha Rodrigues da Costa Quintela Lucas, residente em Lisboa, um prédio rustico, que se compõe de uma terra lavradia, sita no Monte de Sarrazola, freguesia de Cacia, com a área de 5.604 m² ao preço de 15$00 cada m² o que prefaz a importância de 84.060$00.

Foi ainda autorizado o sr. presidente a outorgar na escritura, em nome do Município. Esta deliberação foi tomada para efeitos imediatos.

Companhia Aveirense de Moagens

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital realizado 3.600 contos

Convocatória

Pela presente convido os Accionistas da «Companhia Aveirense de Moagens» a comparecer à Assembleia Geral Extraordinária a efectuar na Sede da Companhia, no dia 4 de Setembro próximo, pelas 15 horas, com a seguinte Ordem do dia:

1.º — Apreciar e deliberar sôbre uma proposta do Conselho de Administração para **elevação do capital social para seis milhões de escudos mediante incorporação de reservas;**

2.º — Ao abrigo do Art. 34.º dos Estatutos deliberar sôbre modificações ao Pacto Social.

Aveiro, 22 de Julho de 1964.

O Presidente da Assembleia Geral,

José Pereira Tavares

Afundou-se a Traineira «Josefa Vilarinho»

Na madrugada de anteontem, cerca da meia-noite e meia hora, entre a Torreira e o Furadouro e em consequência de nevoeiro intenso, o vapor de carga «San Miguel», da firma *Carregadores Açoreanos*, que seguia de Leixões para Lisboa, abalroou a traineira «Josefa Vilarinho» da praça de Aveiro e pertencente à firma *José Maria Vilarinho, L.da.*

Por ter sido cortada ao meio, a traineira afundou-se ràpidamente, perdendo-se todos os seus apetrechos de pesca e as roupas dos tripulantes. Destes, em número de vinte e oito, apenas um não foi salvo pelas baleeiras do «San Miguel» — que, logo após o trágico embate, acorreram em socorro dos náufragos, posteriormente conduzidos naquele vapor para Leixões.

O pescador que pereceu afogado chamava-se António dos Anjos, era natural de Vila Real, casado e tinha 53 anos de idade. Deixou dois filhos, ambos casados e residentes na Gafanha. Ao que parece, o inditoso pescador sofreu o embate do navio e perdeu-se nas ondas, não tendo sido descoberto o seu corpo.

Miguel Spiguel e Perdigão Queiroga em Aveiro

Estiveram na nossa cidade, a colher elementos para o seu novo filme «Sobre a Terra Sobre o Mar», os conhecidos cineastas Miguel Spiguel e Perdigão Queiroga.

Aqueles técnicos de cinema, acompanhados pelo industrial aveirense sr. Amadeu do Roque, percorreram a Ria, numa lancha do Turismo, tendo filmado especialmente os típicos barcos «moliceiros» e «Salineiros» nas suas específicas fainas.

A T. V. Alemã em Aveiro

Na terça-feira, esteve na nossa região uma equipa de filmagens da T. V. Alemã, que fixou alguns motivos aveirenses para serem exibidos em programas que vão brevemente ser dedicados a Portugal.

Uma conferência do Dr. Moreira Lopes

A convite da Sociedade Portuguesa de Pediatria, e no decurso de um ciclo de sessões científicas que aquele organismo promoveu, o ilustre médico aveirense sr. Dr. Fernando Moreira Lopes proferiu, na Secção Regional da Ordem dos Médicos, uma conferência, em que desenvolveu o tema «Amaurose Bilateral Súbita — Dificuldades Etiológicas», trabalho que foi muito apreciado e aplaudido.

Melhoramentos em Cacia

A Junta de Freguesia de Cacia e a Comissão de Melhoramentos daquela freguesia comunicaram ao sr. Presidente da Câmara que tem à sua disposição cem contos — sua contribuïção para diversas obras a realizar naquela localidade, nomeadamente a pavimentação de algumas artérias.

O sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas, agradecendo a prestimosa colaboração daquelas instituições, elogiou a sua iniciativa e prometeu para breve o começo dos diversos trabalhos de beneficiação requeridos por Cacia.

Clube dos Galitos

O Clube dos Galitos transferiu para a sua sede provisória, na Rua de João Mendonça, as suas instalações sociais — até que esteja concluido o seu futuro edifício-sede, cujo projecto deu entrada na Câmara Municipal, para aprovação.

Gota de Leite

Esteve em Aveiro, na semana finda, a sr.ª Dr.ª D. Maria Rosália Heitor Ferreira, digníssima subdelegada do Instituto Maternal, a fim de estudar o funcionamento, em novas bases, da «Gota de Leite», instituição assistencial da nossa terra que conta 33 anos de existência.

E' a segunda vez que aquela ilustre Senhora veio visitar o Dispensário e avistar-se com o sr. Governador Civil, que está interessado no assunto.

Oxalá o estudo feito dê novas possibilidades ao Dispensário Maternal e Infantil (Gota de Leite).

Cine-Teatro Avenida

Como nos anos anteriores, o Cine-Teatro Avenida vai suspender as suas sessões normais de cinema, durante quinze dias, para férias dos seus empregados.

Assim, depois do espectáculo anunciado para a próxima quinta-feira, só voltará haver cinema no «Avenida» no dia 14 de Agosto próximo.

Quem Perdeu?

Relação referida ao periodo de 1 a 15 de Julho dos objectos e valores achados na via pública e entregues na Secretaria do Comando da P. S. P. de Aveiro, onde os mesmos se entregam a quem provar que os mesmos lhe pertencem:

Um estojo com vários artigos escolares e dinheiro; um porta-moedas com dinheiro; uma caixa de papelão com vários artigos de vestuário; um saco de linhagem com arroz; um par de calças; e um metro articulado.

Agradecimento

Carlos da Costa Pereira

A família de Carlos da Costa Pereira, receando que, por falta ou deficiência de endereços, não tenha agradecido a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor e no seu saudoso parente, vem fazê-lo por este meio, a todos testemunhando o seu indelével agradecimento.

Festa de Nossa Senhora do Carmo

Celebra-se hoje a festa de Nossa Senhora do Carmo, realizando-se, na igreja do Carmo, os seguintes actos de culto:

A's 6.30 e 8.30 horas — Missas rezadas.

A's 10 horas — Missa Solene, acompanhada de orquestra.

A's 17 horas — Devoção Eucarística-Mariana, com sermão pelo Rev.º Padre Frei Avelino de Amarante, Missionário Capuchinho. Benção Papal.

A's 8.30 horas — Missa vespertina.

Precedendo a festa, houve uma novena preparatória, de 17 a 25 do corrente — com missas rezadas às 8 e às 9 horas, e novenas solenes às 21.15 horas.

Nos dias 23, 24 e 25, realizou-se ainda um triduo de prègações, em que falou o Missionário Capuchinho Rev.º Padre Frei Avelino de Amarante.

Curso de Estudos Ultramarinos

Regressaram já de Lisboa, onde frequentaram um Curso de Estudos Ultramarinos e obtiveram elevadas classificações, os alunos do sexto ano do Liceu de Aveiro António Alberto Cabeço Silva, António José Castro Bagão Félix, Carlos José Vieira da Silva, Carlos Manuel Reis Mendonça e Jorge Manuel Pericão Pimentel.

Todos trouxeram as melhores impressões e as mais gratas recordações do Curso.

Obras no Porto de Aveiro

A Junta Autónoma do Porto de Aveiro adjudicou, recentemente, as seguintes empreitadas:

— a João Jacinto Tomé, os trabalhos de instalação eléctrica do porto bacalhoeiro de Aveiro (1.ª fase), pelo valor de 392.500$00 e que poderá ser acrescido de 37.500$00, para atender a imprevistos e a possíveis trabalhos que surjam;

— a Benjamim Jorge dos Santos Moreira, os trabalhos de revestimento betuminoso do arruamento de acesso à zona industrial do porto de Aveiro, pela importância de 145.000$00; e

— à «SOMEC — Sociedade Metropolitana de Construções», a construção de uma ponte-cais no porto bacalhoeiro de Aveiro, pela importância de 1 200 000$00.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 7, com destino à Groenlândia, saiu o navio alemão *Kap Norde*, e entrou, daquela mesma procedência, o navio de igual nacionalidade *Augsburg*.

★ Em 8, entrou a barra, vindo da Corunha, o navio espanhol *Bahia de Algeciras*.

★ Em 9, vindo de Leixões, entrou a barra, a lancha de fiscalização *Corvina*.

★ Em 10, saíram, com destino ao mar e Burela, respectivamente, os navios português *Corvina* e espanhol *Bahia de Algeciras*.

★ Em 11, demandaram a barra, procedentes da Groenlândia, os navios de nacionalidade alemã *Saarbrucken* e *Nordestern*, e saiu, com destino à Groenlândia o navio da mesma nacionalidade *Augsburg*.

★ Em 12, saiu, com destino a Lisboa, o arrastão português *São Gonçalinho*.

★ Em 16, saíram, com destino à Groenlândia e Bremerhaven, respectivamente, os navios alemães *Saarbrucken* e *Nordstern*.

★ Em 17, procedente da Groenlândia, entrou a barra o navio alemão *Minden*. Entrou, igualmente, o atuneiro *Rio Vouga*, procedente dos Açores e saiu, para Setubal, o navio *Ponta de Sagres*.

★ Em 18, saiu, com destino à Groenlândia, o navio alemão *Minden*.

★ Em 19, vindo da Terra Nova, entrou a barra, o arrastão português *António Pascoal*.

★ Em 20, entraram, vindos da Terra Nova, Safi e Westman Island, respectivamente, os navios portugueses *João Ferreira* e *São Silvares* e holandês *Driebergen*.

cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 25 — As sr.as D. Rosa Gamelas Cardoso, esposa do sr. Dr. Vitorino Simões Cardoso, e D. Alice de Quadros Figueiredo Simões, esposa do sr. Prof, Abílio dos Santos Costa Simões; e os srs. Jeremias Augusto Duarte, Jaime de Pinho Neto Brandão e Fernando de Almeida Freitas.

Amanhã, 26 — As sr.as D. Delfina Pereira, mãe do sr. Severiano Pereira, e D. Auzinda Freitas Lima, esposa do sr. João da Rosa Lima; os srs. Tenente Gonçalo Maria Pereira, nosso apreciado colaborador, Rui José Branco Pinto, Maximiano da Maia Vinagre, Subtenente da Armada Maurício Andrade Nunes de Oliveira e 2.º Sargento-Enfermeiro Firmino Gonçalves; as meninas Magda Fernandes dos Santos, e Ana Maria da Cruz Santos, filha do sr. Baptista Jesus dos Santos; e o menino Manuel Vítor dos Santos Rigueira, filho do sr. Manuel Fernandes dos Santos Rigueira.

Em 27 — As sr.as D. Maria Felícia de Pinho e Reis, esposa do sr. Amadeu Ala dos Reis, e D. Maria da Liberdade Fino Cruz, esposa do sr. Celso da Cruz Maldonado; o estudante Carlos Gamelas Souto, filho do saudoso Carlos de Matos Souto; e o menino Carlos Alberto, filho do sr. Manuel Martins de Melo.

Em 28 — A menina Graça Maria da Silva Lemos Moreira, filha do sr. Amadeu de Lemos Moreira, ausentes nos Estados Unidos.

Em 29 — Os srs. Dr. Carlos José Tavares Frias de Noronha Lebre e Dario da Silva Ladeira; a menina Maria do Rosário, filha do sr. António Pimentel Monteiro; e os meninos Raul Francisco Antunes da Paula, filho do sr. João Rodrigues Ventura da Paula, e Francisco Manuel Soares Nordeste, filho do sr. Manuel Ricardo da Cruz Nordeste.

Em 30 — Os srs. Dr. Fernando Maia dos Santos Neto, Manuel da Cruz e Sousa e Carlos Alberto do Rego.

Em 31 — A sr.ª prof.ª D. Gizela Machado Soares, ausente no Brasil; e os srs. Tenente-coronel Manuel Augusto de Melo Cabral e Manuel Sardo.

NA REDACÇÃO

Deu-nos o grato prazer da sua visita à nossa Redacção, onde veio apresentar cumprimentos o nosso conterrâneo sr. João de Sousa Marques, que reside no Canadá e se encontra entre nós em gozo de merecidas férias.

DE REGRESSO

Do Funchal, onde exerceram o magistério primário, regressaram a esta cidade, as professoras sr.as D. Maria da Graça Ferreira de Vale, D. Rosa Maria Gonçalves Cerqueira e D. Adelina Amélia Correia.

Maximiano da Maia Vinagre

Completa 50 anos de idade, no próximo dia 26, o sr. Maximiano da Maia Vinagre, distinto técnico de serralharia civil desta cidade.

Jogador de futebol de grande méritos Maximiano proporcionou muitas emotivas e inesquecíveis tardes de glória aos adeptos do Sport Clube Beira-Mar, cuja, cores defendeu com raro brilhantismo, valor e inegável classe.

Os nossos parabéns, muito sinceros, a Maximiano.

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo

A Festa de Confraternização da A. F. de Aveiro

No prosseguimento de uma louvável tradição, a Associação de Futebol de Aveiro promoveu, no sábado, no Restaurante Galo d'Ouro, o anual jantar de confraternização entre os seus dirigentes e os dirigentes dos diversos clubes seus filiados.

Aquela festiva reunião foi presidida pelo sr. Dr. Armando Rocha, Director Geral dos Desportos, vendo-se ainda, na mesa de honra, as seguintes individualidades: Presidente da Direcção da Federação Portuguesa de Futebol, Justino Pinheiro Machado, e esposa; Presidente do Congresso da mesma Federação, Dr. Paulo Sarmento; Vice-presidente da Direcção da Associação de Futebol de Lisboa, Dr. António Garcia Branco, e esposa; Presidente da Direcção da Associação de Futebol de Aveiro, Dr. Francisco Gomes da Cruz, e esposa; Presidente da Assembleia Geral da Associação de Futebol de Aveiro, Dr. Artur Alves Moreira; e a esposa do sr. Afonso Lacerda, Secretário Permanente da Federação.

Estiveram ainda presentes representantes das associações distritais do Porto, Setúbal, Coimbra e Leiria, os componentes dos corpos gerentes da A. F. de Aveiro, representantes da Imprensa desportiva e local, e muitas senhoras.

Depois de lidos telegramas dos desportistas António de Oliveira Figueiredo, prestigiosa figura da Sanjoanense e do futebol regional aveirense; Silva Santos, Secretário Permanente da A. F. de Lisboa; e Dr. Francisco do Vale Guimarães, ilustre aveirense e Presidente da Direcção do Belenenses — pelo devotado Secretário Permanente da A. F. de Aveiro, sr. José de Oliveira Ferreira — iniciou-se uma série de discursos e procedeu-se à distribuição de prémios e troféus instituidos pela A. F. A. na época de 1963-1964.

Foram distinguidos com taças os vencedores das várias provas regionais — Lusitânia Futebol Clube (I Divisão), o «regressado» Sport Clube de S. João de Ver (II Divisão), Oliveirense (Reservas), Sanjoanense (Juniores), Beira-Mar (Principiantes), Feirense (Torneio de Abertura) e Associação Desportiva Valecambrense (Prova de Encerramento) — e ainda os clubes aveirenses que melhor se comportaram nas provas federativas (de seniores): Beira-Mar (II Divisão) e União de Lamas (III Divisão).

Couberam prémios de correcção desportiva, de grande significado, os seguintes clubes: Ovarense (I Divisão e Reservas), Sanjoanense (Reservas e Juniores), Feirense (Reservas e Principiantes), Lusitânia (Resersas), Sporting de Espinho (Juniores), Recreio de Águeda (Principiantes), Alba (Principiantes), Beira-Mar (Principiantes), Sporting de Bustelo (Principiantes) e Oliveirense (Principiantes).

Na altura dos brindes, e pela ordem a seguir indicada, usaram da palavra os srs.: Dr. Francisco Gomes da Cruz, Presidente da Direcção da A. F. de Aveiro; Eng.º Carlos Rodrigues, representando os clubes aveirenses; Dr. David Cristo, Vice-presidente da Direcção da A. F. de Aveiro; Artur Agostinho, Director do «Record», em nome da Imprensa; Dr. António Garcia Branco, pelas várias associações regionais ali representadas; Justino Pinheiro Machado, pela Federação; e Dr. Armando Rocha, a encerrar a reunião.

Os vários oradores exaltaram o significado da festa, sem paralelo no nosso País; saudaram, de forma especial, o União de Lamas, pela sua vitória no Campeonato Nacional da III Divisão, e o S. João de Ver, que ganhou o Distrital da II Divisão, na época em que voltou às competições futebolísticas; evocaram prestigiosos e saudosos nomes do futebol nacional (Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis, Dr. Tavares da Silva e Dr. José Christo); e abordaram problemas de muito interesse e acuidade para o progresso e prestígio do «desporto-rei», designadamente os casos da situação irregular e anti-regulamentar da Comissão Distrital de Árbitros e do auxílio oficial necessário para se acabarem com os rectângulos de dimensões reduzidas que ainda há no Distrito, já que os clubes, por si, e dadas as suas precárias situações económicas, não podem suportar tais encargos.

Durante a reunião, foram ainda referidas a passagem do 40.º aniversário da A. F. de Aveiro, e as celebrações das «bodas de ouro» do Sporting de Espinho — prestigiosa colectividade carinhosamente saudada no momento em que o seu velho e dedicado dirigente Joaquim Moreira da Costa Júnior recebeu um prémio de correcção desportiva conquistado pelos «tigres» da Costa Verde.

●

Na mesma reunião, e em continuação das homenagens prestadas à Federação Portuguesa de Futebol, pela passagem do seu cinquentenário, a Associação de Futebol de Aveiro ofereceu aos dirigentes federativos uma artística e valiosa peça de faiança regional, executada propositadamente para assinalar as comemorações das «bodas de oiro» da Federação.

Em cima — *O Dr. Armando Rocha, Director Geral dos Desportos, usando da palavra.*

Ao lado — *Artur Agostinho, Director do «Record» e conhecido locutor da Rádio e da T.V., quando falava em representação da Imprensa.*

I Grande Prémio Internacional da Ria de Aveiro

No Lago do Paraíso, e de acordo com o programa já dado a conhecer nestas colunas, disputa-se — hoje (a partir das 15.30 horas) e amanhã (com início às 16.30 horas) — o I Grande Prémio Internacional da Ria de Aveiro, competição de motonáutica que promete revestir-se de enorme interesse e entusiasmo.

O certame é organizado pelo Sporting Clube de Aveiro, contando com o patrocínio da Câmara e da Comissão Municipal de Turismo.

motonáutica

natação

Em organização da Associação de Natação de Aveiro, realizam-se — Hoje e amanhã — os Campeonatos Regionais da presente época, em jornadas que se iniciam pelas 16 horas, na piscina fluvial do Sport Algés e Águeda.

Nas várias provas, encontram-se inscritos nadadores de sete clubes: Académica de Espinho, Algés e Águeda, Beira-Mar, Galitos, Recreio de Águeda, Sporting de Aveiro e Sporting de Espinho.

Campeonatos Regionais

SECRETARIA NOTARIAL
DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de sete de Julho de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas nove, verso, a folhas treze, do competente Livro número A-quatrocentos e seis, das notas do Segundo Cartório da Secretaria Notarial de Aveiro, — foi aumentado o capital da Sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, *Sociedade dos Vinhos Vale da Rama, Limitada,* com sede e estabelecimento na freguesia de Aradas, deste concelho de Aveiro, de cinquenta mil escudos para duzentos mil escudos, — bem como alterado parcialmente o pacto social no que respeita a denominação da sociedade que passou a ser *Vinícola Central de Aveiro, Limitada,* e à sua gerência, pelo que os artigos primeiro, terceiro e sétimo do mesmo pacto, passaram a ter a seguinte redacção:

Artigo Primeiro — A sociedade adopta a denominação de *Vinícola Central de Aveiro, Limitada,* com sede, estabelecimento e domicílio na freguesia de Aradas, do concelho de Aveiro e teve o seu início em dois de Janeiro de mil novecentos e sessenta e três;

Artigo Terceiro — O capital social é de duzentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, representado por duas quotas de igual valor de cem mil escudos cada uma, pertencendo uma ao sócio Lourenço Martins Morais e outra ao sócio Manuel Tavares Pires;

Artigo Sétimo — A administração dos negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fóra dele, activa e passivamente, incumbem aos dois sócios Lourenço Martins Morais e Manuel Tavares Pires, os quais ficam desde já nomeados gerentes, bastando, porém, para que a sociedade se considere vàlidamente obrigada, que os respectivos actos e documentos se mostrem assinados por qualquer deles, com a firma social seguida da sua assinatura individual, a qual nunca poderá ser aposta em actos ou documentos de interesse alheio ao dos negócios sociais.

É certificado que extraí e vai de conformidade com o original a que me reporto, — nada havendo que modifique, amplie, restrinja, contrarie ou condicione o que se certifica quanto à parte omitida.

Aveiro, Secretaria Notarial, dezoito de Julho de mil novecentos e sessenta e quatro.

O Ajudante da Secretaria,

Raúl Ferreira de Andrade

Litoral * N.º 507 * Aveiro, 25-7-964

COMARCA DO PORTO

Sexto Juízo Cível

Anúncio

para citação credores desconhecidos

2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito desta Comarca, secção da Secretaria adiante referida correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos do executado *Pereira & Santos, Limitada* sociedade por quotas da Rua Agostinho Pinheiro n.º 23 da cidade e Comarca de *Aveiro* para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por *João Monteiro,* casado, comerciante, da Rua Rodrigues Sampaio cento e oitenta e nove desta cidade do Porto.

Porto, 29 de Maio de 1964

Pro. n.º 3134-B 2.ª Secção

O Escrivão de Direito,

M. Francisco Ferreira

Verifiquei:

O Juiz,

Andrade Borges

SECRETARIA NOTARIAL
DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de treze de Julho de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas vinte e três a vinte e cinco, do Livro próprio número A-quatrocentos e seis, — Nota do notário do Segundo Cartório da Secretaria Notarial de Aveiro, Licenciado em Direito Henrique de Brito Câmara, — se procedeu a habilitação de herdeiros por óbito de Alberto Ferreira Barbosa, natural da freguesia de São Martinho do Campo, concelho de Valongo, que ocorreu na Rua de Passos Manuel, número vinte e oito, desta cidade de Aveiro, em dezasseis de Dezembro de mil novecentos e sessenta e três, no estado de casado em segundas núpcias dele e sob o regime da comunhão, com Alexandrina Morgado Barbosa, que também, usa o nome de Alexandrina da Conceição Morgado, e, por via da qual foram habilitados como seus únicos herdeiros:

A dita Alexandrina Morgado Barbosa ou Alexandrina da Conceição Morgado, por vocação testamentária; — e,

Francisco Ferreira Barbosa, ausente na cidade de Bissau, Província da Guiné, casado com D. Maria Helena Nunes Paulo, moradora na Avenida Araújo e Silva, número dezanove, desta cidade, por vocação legitimária, como único filho do falecido, e do seu primeiro matrimónio com D. Isolina Rosa Alfena.

É certificado que extraí e vai de conformidade com o original a que me reporto, — nada havendo que modifique, amplie, restrinja, contrarie ou condicione o que se certifica, quanto à parte omitida.

Aveiro, Secretaria Notarial, dezasseis de Julho de mil novecentos e sessenta e quatro.

O Ajudante da Secretaria,

Raúl Ferreira de Andrade

Litoral * N.º 507 * Aveiro, 25-7-964

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se saber que nos autos de Execução de Sentença pendentes na 2.ª Secção do 1.º Juízo desta comarca de Aveiro que o exequente António Ramos Bartolomeu, casado, empregado de escritório, morador no lugar de Bonsucesso da freguesia de Aradas, desta comarca, move contra os executados Silvério da Costa Ramos e mulher Celeste de Jesus Barbosa e Pompeu da Costa Ramos, solteiro, maior, ausentes em parte incerta da França, com o último domicílio conhecido no lugar de Mataduços da freguesia de Esgueira, com excepção daquela Celeste de Jesus Barbosa, que é residente no referido lugar de Mataduços, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, notificando os ditos executados Silvério da Costa Ramos e Pompeu da Costa Ramos, de que por despacho de 11 do corrente mês de Julho foi ordenada a penhora no direito que cada um dos executados tem a uma quinta parte de um terreno sito no Bragal, freguesia de Aradas, inscrito na matriz predial, na totalidade, sob o artigo 1.541 rustico, que se destina a garantir o pagamento da quantia de 7.193$00 em divida ao exequente por cada um dos ditos executados e mais despesas legais, sendo-lhes licito durante o prazo dos éditos fazer as declarações que entenderem quanto ao direito dos executados e ao modo de o tornar efectivo.

Aveiro, 15 de Julho de 1964.

O Escrivão de Direito,

Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Villa Nova

Litoral * N.º 507 * Aveiro, 25-7-64

Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro

AVISO

Torna-se público que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 20 dias, a contar da data deste AVISO, para provimento de vagas das seguintes categorias:

Contabilista
Aspirante

Os lugares de Contabilista só poderão ser providos em diplomados com o curso de contabilista dos Institutos do ensino médio comercial, com a idade mínima de 18 e a máxima de 35 anos.

Aos lugares de Aspirante poderão candidatar-se os indivíduos, também maiores de 18 e menores de 35 anos, habilitados com o curso geral dos Liceus ou equivalente e que hajam requerido a admissão aos concursos para a categoria de aspirante das instituições de previdência abertos pela Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas.

Nos seus requerimentos ao Presidente da Comissão Organizadora desta Caixa os candidatos deverão referir se prestaram ou não serviço militar no Ultramar, há quanto tempo residem no distrito de Aveiro e juntar documento comprovativo das suas habilitações literárias.

Aveiro, 20 de Julho de 1964.

A Comissão Organizadora

Borges Lopes e José de Lucena

na Galeria Borges

APONTAMENTO DE HENRIQUES DE CASTRO

No passado dia 4 inaugurou-se a VI exposição na Galeria de Arte da Livraria Borges. Seis exposições no espaço de dois meses e meio. Por seis vezes Aveiro pôde apreciar obras que doutra maneira não teria possibilidade de ver e de sentir. Devido às suas características a nova Galeria pode trazer à cidade, Arte e artistas que nos irão dando um panorama assaz interessante das artes em Portugal.

A última exposição, juntou dois artistas de Coimbra: Borges Lopes e José de Lucena. Borges Lopes trouxe a Aveiro um conjunto de 19 pinturas e uma escultura. Pela pintura podemos observar uma busca de técnicas que se vai espraiando aqui e fixando ali num amadurecimento que vemos se vai processando ao longo da sua obra. Podemos aqui dizer, aliás, que a obra deste artista se prolonga ao círculo de Artes Plásticas de Coimbra, de que é presidente, e ao qual tem dada um grande esforço para o dignificar e colocar no lugar que merece.

Quando atrás falámos em pintura incluímos nessa classificação 5 pratos que não poderíamos incluir na cerâmica. De facto, trata-se sim duma pintura sobre prato que não sofreu a acção do fogo. O Artista utilizou óleos e vernizes e criou um espaço plástico servindo-se duma base. Queremos destacar o prato de fundo verde e o de fundo claro e relevo claro que nos parecem dentro do decorativo, os de melhor efeito. O verde chega a dar uma sensação nítida de profundidade na separação da teia de cor com o fundo. Vamos encontrar ainda na obra de Borges Lopes certos efeitos decorativos em alguns dos seus quadros. A sua procura cénica das cores berrantes e quentes com tendência a criar um centro de atenção quase sempre conseguido. Estamos a lembrar o quadro n.º 1 Composição, com uma variedade de cores que o isolam dum sentimento para criarem uma emoção. A contrastar com esse quadro o n.º 2, Fim de Acto, consegue o mesmo efeito com cores mais baças e mortiças — uma figura de velho a aparecer por entre as luzes já mortiças da ribalta da vida.

Encontramos de facto em Borges Lopes uma procura da arte de grande choque emocional pela cor e efeitos técnicos, mantendo-se todavia figurativa apesar da aparência instantânea da abstracção. As duas monotipias — uma em vermelho, peixes, outra em castanho, barcos — estão perfeitamente conseguidas e são para nós das melhores obras expostas. Além destas queremos destacar *Composição V*, que foi 2.º prémio da exposição da Queima das fitas e *Sideral*, na mesma linha de rumo desta. *Ballet*, *Palmeira*, *Folhas*, são bem conseguidas embora jogadas com efeitos fáceis. E aqui achamos que o pintor abusou duma técnica que monotoniza o trabalho, uma técnica que achamos será boa para ilustração e não pròpriamente para trabalhos de natureza artisticamente mais válida. Notam-se em todos os trabalhos uma linha de construção em que o desenho faz o primeiro papel e cria o espaço. Este artista possui um rigor plástico muito acentuado mas ainda não bem canalizado.

José de Lucena trouxe a Aveiro uma novidade: Azulejaria Experimental. Ao primeiro relance o termo Azulejaria, palavra derivada de azulejo, sugere-nos fábricas conhecidas da região que produzem, têm no mercado, azulejos simples ou pintados — então onde está a novidade? Apenas estes azulejos de José de Lucena têm um tratamento, diríamos acabamento, muito diferente do da cerâmica e por isso o artista consegue cores e *nuances* que o fogo não nos deu até hoje.

O Azulejo Vidrado é a base para a pintura que é conservada por meios conhecidos do artista que foi estudando ao longo de vários anos o processo melhor e o foi ensaiando para testar a sua durabilidade.

José de Lucena expõe um conjunto de 15 pequenos paineis — o maior é composto por quatro azulejos — que nos mostram as grandes possibilidades desta técnica. As cores são sóbrias já denotando a tendência para uma escolha da cor pessoal — tons escuros: pretos e castanhos. A cor viva quando aparece serve para homogeneizar o painel. Temos pena que alguns dos paineis expostos não possuam uma maior superfície, porque achamos que a obra seria valorizada por esse elemento. Isto torna-se-nos tão nítido que algumas das pinturas expostas nos chegam a parecer estarem lamentàvelmente fechadas em quatro exiguas paredes que não as deixam crescer. Todos os paineis têm uma grande força interior — a verdadeira força artística vem toda ela do interior, interior do artista, interior da obra. Há na obra de José de Lucena um conjunto de elementos que individualizam o artista e a sua arte. De facto um artista torna mais individual a sua arte quanto mais a aproxima de si próprio e a consegue mantes sempre cada vez mais próxima de si mesmo. Aí está a semelhança do Artista criador com o *Criador* Artista.

José de Lucena começa com *cântico* a evidenciar a tendência para o tom escuro que joga com esbatidas e traços de figuras em posições curvas.

Em *Mito de Sísifo*, outro trabalho de que também gostámos, já entra uma cor muito discreta a jogar com a figura em primeiro plano. *Núpcias*, um trabalho mais decorativo, joga já com tons azuis e castanhos claros. *Eram mulheres todas vestidas de esperança* vem outra vez com tons escuros que compõem o trabalho com três partes figurativas: a terra agreste, a terra prometida e uma figura de mulher em atitude de atingir a parte melhor da vida. Os tons deste trabalho são suaves e passam do preto ao verde e ao vermelho sem se sentir a passagem.

Em Xeque-Mate entram cores um pouco mais abertas para nos darem um trabalho mais decorativo. Em Fourbourg Saint-Honoré-II, voltam os tons escuros desta vez a mostrarem figuras sugeridas. As suas composições I, II e III são de facto trabalhos abstractos e o artista não os crismou com qualquer nome enganoso. Em José de Lucena nota-se um amadurecimento que propicia ainda a maiores cometimentos.

Estes dois artistas de Coimbra, trouxeram-nos aliás uma exposição muito equilibrada. Esperamos ver estes dois artistas mais vezes em Aveiro para podermos acompanhar uma evolução que trará algo de novo para a Arte Portuguesa.

«Væ Victis» só no próximo número poderá fazer referência a:

Imbondeiro Gigante — colectânea de contos onde se encontra seleccionado um texto inédito de Vasco Branco;

Panorama de Música Contemporânea — uma obra notável em digna realização de Ed. Cor;

Obras Quase Incompletas — poesias de Heitor Gomes Teixeira; ed. Imbondeiro;

Kaiala — poemas de Lagrifa Fernandes.

HELDER BANDARRA

Continuação da primeira página

correr o risco de ser eu a interpretá-lo.

Estou a ver Hélder Bandarra no primeiro encontro que tive com ele, havia ele chegado do inferno da «nossa» Índia poucos dias antes. Então lhe vi, pela primeira vez, trabalhos seus. E, — nunca mais isso me esqueceu! — ele disse-me: «são brincadeiras minhas».

Sem o saber, sem o pensar, sem o medir H. B. deram-me em primeira mão todo o segredo dos seus trabalhos Ele pinta como criança que brinca: com gosto, sem dificuldade. Mas tal facilidade se é uma virtude também pode ser um defeito. Se a arte deve ser livre, na acepção que lhe davam Séneca e todos os estoicos, ou seja, espontânea como a actividade lúdica o é na criança, ela terá de ser também, sobretudo neste nosso século, uma luta do Homem para ultrapassar a beleza natural e sublimar as índoles das pessoas.

A facilidade, pois, se manifesta uma potente capacidade de expressão, não facilita o encontro ou o aperfeiçoamento dum estilo recriador pessoalmente original. Glosam-se coisas «*velhas*» e não se traz nada de novo ao Mundo.

H. B. dispersa-se, por vez, numa variedade de caminhos, numa série de tentativas que podem travar-lhe a marcha a ponto de que ele não chegue tão cedo aonde ele bem pode chegar. Este é actualmente o grande perigo, a maior tentação: provar de todos os frutos que encontra pelo caminho.

Para que não caia numa armadilha destas, importa-lhe aguçar um poder de consciente análise, de auto-crítica. Mas a deficiência desta qualidade, indispensável em todo o artista, compreendemo-la nós por estas palavras que tantas vezes lhe temos ouvido:

— Tenho muito que aprender... E alguém mais experiente ou sabedor do ofício me pode ensinar.

— Mas ... !

— Já sei o que V. quer, pois conheço-lhe a propensão para estabelecer afinidades ou porventura até esboçar confrontos.

Sim. Eu recebi, no Verão passado, um desenho à pena que meu irmão Jeremias me trouxe de Paris como «souvenir» dessa capital das artes. Assinava-o Martino! Partindo dele, encontrando eu nele um motivo de inspiração, realizei alguns desenhos.

— Dois dos quais estiveram foram aceites para figurar na I Exposição dos Artistas Aveirenses, realizada em Outubro do ano passado no Teatro Aveirense. E a verdade diga-se: «o aluno superau o mestre!... Digo-o eu e dizem-no todos quantos conhecem Martino.

E, já que gosto de «historiar», deixe que lhe diga: há um outro artista, além de Martino, que usa o mesmo desenho: é Nolnar, um húngaro contemporâneo, que esteve há pouco representado precisamente com um desenho desse género na exposição internacional de Lugano.

— Bem dizia eu. V. tem a pretensão para estabelecer a árvore geneológica dos artistas!

— Pois então deixe que continue! Este seu desenho lembra-me Relógio, mesmo uns trabalhos de António Lino que vi nos «Novíssimos», em Lisboa. E até, vá lá, já que falei de Lino e de Lisboa, chega a lembrar-me dois desenhos, conquanto menos feitos, de Watanuki.

* * *

Mas Hélder Bandarra não é apenas um bom desenhista. Há nêle uma extraordinária intuição da cor. Dificilmente ele pinta sem desenhar. No que fez até hoje, «Raio Azul» é uma excepção, digna aliás, em nada desmerecedora de tudo o mais até hoje feito.

— Gosto de pôr sempre o mais possível naquilo que pinto. Por isso gosto de desenhar pintando. O desenho enriquece humanamente a pintura. A pintura em estado puro é aquela que para mim exige mais. Nela tem de ser total o acto criador de quem pinta. Tem de fazer tudo do nada. Para mim, que gosto de desenhar, pintar sem desenho é o mais difícil. Se a abstracção é total, total tem de ser o trabalho de quem pinta sem desenhar.»

Com este último depoimento, que sabemos ter interpretado fidedignamente, fechamos hoje esta conversa entrelinhas com Hélder Bandarra. Não foram de generosidade de amigo, as nossas palavras. Foram sim recta intenção de mostrar um pouco por dentro um artista que é não apenas uma fundada esperança, mas sobretudo e desde já o artista jóvem que, tendo ultrapassado outros nomes que já andavam, quando ele apareceu, no caminho das artes com um nome entre nós feito, se afirma como o mais dotado com maior capacidade: potente imaginação criadora e associativa, bons dados para uma execução formal acabada, uma sensibilidade aguda, só lhe faltará, confessemo-lo, quanto a nós, um mais consciente poder de auto-crítica, para saber eliminar, escolher e admitir como selecto o que for apenas seu.

São algo temerárias estas palavras. E se o **tempo** já fez com que nos arrependêssemos de um dia termos dito o que hoje não diríamos, H. Bandarra não nos irá ser... ilusão! Hoje, mesmo, não há nele apenas esperanças: ele é certeza. Melhor que ninguém, o tempo no-lo irá dizer. E aguardaremos, para já, a próxima exposição que H. Bandarra em breve irá fazer entre nós.

Mário da Rocha

Notas á Margem dum Encontro

— continuação da última página

concurso não pode ser de modo nenhum uma questão... de *compadrice!*

Importa fazer respeitar o concurso, definindo bem o critério selectivo e estruturando com clareza a selecção.

Importa fazer ver, a autores e editores, que o prémio, mesmo não sendo monetário, nem por isso deixa de constituir uma distinção, compensando-o com criar-lhe uma mais larga audiência, mercê da acção divulgadora dos Suplementos em todo o País. Não será este um bom prémio? Porventura o melhor prémio? Ou não passará tudo duma questão de massa?

Que a votação se faça, pois, esclarecidamente e apenas sobre obras que todos os Suplementos tenham recebido.

Também nós afirmamos: há princípios que importa nunca desrespeitar.

Mário da Rocha

OS SUPLEMENTOS
E A CULTURA DUM POVO

«... e esse objectivo terá de ser, sem dúvida, o de levar ao povo de Portugal a cultura, pois só ela pode manter de pé, e com dignidade, uma nação no meio do constante progresso do mundo moderno.»

Mário Braga

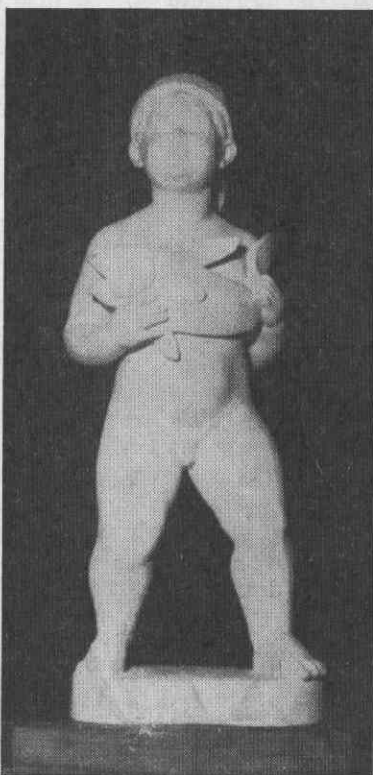
QUANDO outrora as notícias chegavam ao povoado pelos editais afixados no adro das igrejas nem sequer encontravam quem as soubesse ler. Daí a triste curiosidade daquele texto que ainda há poucos anos ornava as páginas das seletas literárias dos nossos liceus, numa manifestação que tinha pouco de entusiástica, nem que se apelasse para o seu interesse comparativo, figura de retórica muito usada entre nós.

Entretanto o homem português evoluiu. A parede que se opunha entre ele e a Europa, essa Espanha que só maldosamente se pode considerar hoje atrazada, abriu-se num gesto franco e decidido. Acocorado junto ao mar, trinando dolentes guitarras, gemendo fados sem esperança, ficando-se no trocadilho da ironia-por-detrás-das-costas, o português talvez ainda não tivesse sentido que, ele que sempre foi bom e disciplinado militar, tinha de acertar o passo. Mas quer os primeiros passos da infância, quer as primeiras cadências militares, precisam monitores. Precisam escola. Temos de ensinar ao povo deste nosso Portugal que quando precisar de dizer alguma coisa o deve fazer de frente.

Esse sopro renovador terá de processar-se duma forma lógica. O jornal diário pelo simples facto de não poder merecer a leitura actualizada que se impunha não se nos antolha também o veículo cultural de figurino mais razoável. Deixado para o fim nesta enumeração ligeira dos meios possíveis de culturização do povo português, o semanário regionalista (referimo-nos, por acuidade da maioria dos casos, aos jornais com tal periodicidade) desempenha, ou deve desempenhar, um papel preponderante nessa campanha de esclarecimento das massas populares portuguesas. Com efeito, na busca da notícia local—o casamento, o aniversário, o futebol, a obra da igreja ou da capela, etc.—o elemento anónimo da nossa população debruça-se, após uma semana de trabalho, na busca de algo que sacie a sua curiosidade e aproxime do pequeno mundo que a sua comunidade constitui.

Neste momento de evolução do problema, urge que os jornais cumpram então, o seu verdadeiro papel. Leigo ou de orientação religiosa, acomete-se-lhes uma responsabilidade de que não podem pedir escusa. E se aos primeiros cabe atear a chama numa camada social bastante difícil e diversificada, aos segundos pertence a acção, sempre renovada, que exige o largo auditório que os segue, numa campanha formativa e informadora de que os nossos últimos Pontífices têm indicado, mais que a utilidade, a sua extrema necessidade.

Aqui, modestamente, num trabalho de idealismo sem outro prémio que não seja o de dar a sua luz aos outros, começa o papel ingrato, mas belo, dos suplementos e das páginas de cultura. Não vamos deter-nos no emaranhado técnico que deve revestir essa permeabilização junto das massas populares portugueses. Outros mais habilitados terão de arcar com essa responsabilidade. O que interessa, sim, chamar ao galarim é a missão de sacerdócio que deve revestir tal actividade. Ombrear com as dificuldades, mantendo a serenidade de dizer ao Povo o verdadeiro nome das coisas, integrando-o no estudo de problemas, que são os seus problemas, e de que se mantem, ou mantêm, erradamente alheio.

Américo Ramalho
Lisboa, Junho de 64

NOTAS à MARGEM dum ENCONTRO

Afirmou se alto e bom som, no II Encontro dos suplementos Literários, no mês passado em Cascais, que a cultura, pela qual tem de se bater um suplemento literário, tem de ser uma cultura viva, dinâmica, eficiente, ou seja, uma cultura que interesse o público interessando-se pelos seus problemas, pelas suas iniciativas, pelas suas organizações e actividades.

Ora, dissemos já nós, não se comprende como esta finalidade, que todos consideram primária e impreterível, possa fácil e cabalmente realizar-se, se se fizer do jornalismo em suplementos literários um ditado escolar e não um diálogo humano. Só este educa; aquele arrebanha: gregariza mas não civiliza!

Concretizámos esta nossa maneira de ver com diversos exemplos. E dar nos-íamos por muito contentes se víssemos que alguns suplementos da Província, tendo os seus directores, por exemplo, em Lisboa, se orientam para irem, por eles ou por outros, sempre ao encontro do meio local onde o jornal vive e para além do qual morre, porque não chega lá!

*

Hoje queríamos ir um pouco mais além. É nosso desejo debruçarmo-nos sobre o regulamento dos prémios do Concurso.

Importa, antes de mais, identificar bem os votantes. Que estes só votem em representação dum jornal e não tenha este indefinidos representantes a votarem todos indiscriminadamente... Esta hipótese já foi mais que possível... Depois, esclareça-se bem como, com que critério devem ser contados os votos de um só que representa vários jornais. Também aqui, o caso já não é mera hipótese... Não estamos a prevenir uma possibilidade...

Depois, importa sobremaneira que votantes e concorrentes se encontrem em perfeita igualdade perante o concurso.

Como é possível atribuir um prémio de colaboração, se os suplementos só agora, mercê duma voz sensata que se ergueu no último momento, passaram a conhecer-se e a travar relações?...

Não há possibilidade de seleccionar um artigo ou distinguir uma obra sem que uma e outra sejam devidamente conhecidos de todos os votantes.

É inadmissível, por exemplo, que sejam atribuídos três prémios, — e logo três! —, a uma Editora que se digna mandar as suas edições só a quem muito bem lhe apetece. «Hóspede de Job», «O comboio da Madrugada», e «A Astronave» receberam um prémio que não será injusto para as obras, mas cuja atribuição à sua casa editora resulta injusta, não só para os suplementos que os não receberam, (o prémio, não o esqueçamos, é colectivo, é do «Encontro», portanto de todos os suplementos!), mas é ainda injusta também para as outras editoras que enviam devidamente as suas edições sem as verem distinguidas. Dir-se-á que venceu o primado da qualidade! Duvidamos. Se a votação não for feita por todos apenas sobre obras que todos receberam, ela não deixa de estar viciada na raiz.

Houve no «Encontro» vozes sensatas e destemidas que protestaram. E ainda bem. O

Continua na página 7

Durante o decorrer do «II Encontro das Páginas Regionais», foi atribuído a «António Maria Lisboa», de António José Forte, em «Labareda» o prémio do melhor artigo publicado nos suplementos. Vae Victis dá-lhe justa audiência cumprindo assim, com muita satisfação, um voto do Regulamento de Prémios.

ANTÓNIO MARIA LISBOA

Dez anos após a morte de António Maria Lisboa, continua, plena de acuidade, a sua pergunta:

COMO COMUNICAR?

«Falar da ausência de António Maria Lisboa, neste ano de fantasmas que é 1963, é suspender à porta das agências literárias que tapam o horizonte a seguinte pergunta: Como comunicar? Era exactamente com esta interrogação que o autor de «Isso ontem único» terminava em 1947 a conferência intitulada «Erro Próprio». Seis anos depois, A. M. Lisboa, noticiava que o esforço para dar resposta rigorosa à pergunta podia às vezes levar ao rebentamento dos pulmões. Alguns dos que ficaram, mais ou menos a partir dessa altura, com a pergunta atravessada na garganta, não se importam de informar que, embora seja possível os pulmões continuarem durante vários anos portugueses a fazer parte da mobília do poeta, outras peças não escapam ao sacrifício. Porque o amor à liberdade não são moedas de aparecer nos balcões dos grandes armazéns da literatura nacional, apesar dos empregados servirem bem e dos fregueses raramente se queixarem. Os mesmos declaram ainda que, embora barata a entrada para o jazigo sumptuoso, oferta dos funcionários críticos deste país aos surrealistas, vão proferir esper-

Continua na página 2

peço a palavra
a face e o arremedo

o LICEU e a ESCOLA

Continuação da 1.ª página

Saint-Exupéry: é tão digno construir catedrais como descascar batatas. A grandeza das acções está na medida das almas.

Divagámos um pouco para, afinal, chegarmos a uma conclusão bem intuitiva. Mas nem sempre, para a multidão, é fácil a caminhada mesmo por um recto caminho.

Oxalá a cidade tenha dado pela Exposição de Trabalhos Escolares da Escola Comercial e Industrial, de Aveiro, que, na próxima semana, vai encerrar ao público. Ela era prova bem clara da seriedade com que ali se ensina e ali se aprende. Perante ela, neste país onde começam a abundar «canudos» e faltam os bons técnicos, urge concluir que nem só «doutor» é gente!...

Queremos destacar aqui, nesta página de Letras e Artes, os trabalhos de cerâmica. Uma secção onde o artífice chega a ser artista pela modelação, pelo desenho e pela pintura, e na qual se sente o sopro dum grande mestre, que sabemos ser igualmente um espírito muito interessado e sempre pronto por tudo o que possa dizer respeito à vida cultural da nossa cidade.

Não nos interessava a notícia, dissemos; não nos interessa esboçar qualquer crítica, diremos. O nosso interesse todo era que o público desse pela Escola Industrial e pela sua Exposição.

Duas palavras apenas sobre idêntica exposição no átrio do Liceu. Há nela dois nomes que merecem ser fixados, sobretudo por quem de direito. Dois nomes que valem todos os mais, que poucos são afinal, e pouco valem no fim de contas.

Campolargo deixa advinhar-nos haver nele um pintor nato. Alguns trabalhos são mesmo bons. Estamos a ver, uma têmpera se não nos enganamos, que nos lembra paisagens de Cézanne e uma figura de tipo Modigliani. Dois bons trabalhos que valem toda a exposição.

É ao lado de Campolargo, essencialmente pintor, um desenhista: Sérgio, de seu nome. Linha fina de caricatura, que gostaríamos de observar para ver até que ponto ela representa o que o autor é...

Se Campolargo se nos mostra afirmando-se desde já, Sérgio chama-nos a atenção para o vermos, por ora, e aguardamos...

Continua na página 2